

Priscylla Cassol

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO REPRODUZIDA NO DISCURSO DA MULHER VÍTIMA
DE VIOLÊNCIA

Palmas – TO

2015

Priscylla Cassol

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO REPRODUZIDA NO DISCURSO DA MULHER VÍTIMA
DE VIOLÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do curso de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.a. Dra. Jaci Augusta Neves de Souza.

Palmas – TO

2015

Dados Internacionais da Catalogação na
Publicação

Cassol, Priscylla C345v A violência de gênero reproduzida no discurso da
mulher

vítima de violência / Priscylla Cassol - Palmas, 2015
78fls.29 cm.

Orientação: Profa. Dra. Jaci Augusta Neves de Souza

TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) Psicologia - Centro Universitário Luterano de
Palmas. 2015

1. Violência de gênero. 2. Poder. 3. Dominação. I. Souza,
Jaci Augusta Neves de II. Psicologia.

CDU: 159.9.019.4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo –
CRB-8/298

Priscylla Cassol

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO REPRODUZIDA NO DISCURSO DA MULHER VÍTIMA
DE VIOLÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do curso de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.a. Dra. Jaci Augusta Neves de Souza.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.a. Dra. Jaci Augusta Neves de Souza
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a.Dra. Irenides Teixeira
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a. M.Sc. Cristina D'Ornellas Filipakis Souza
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente aos meus pais, Cleci Zancan Cassol e Vagner Cassol, pelo amor dedicado, paciência incondicional, apoio acolhedor e conselhos sinceros que ajudaram na realização dessa etapa da minha vida. Vocês nunca me desampararam e sei que estarão ao meu lado enquanto for possível.

Ao meu avô, Sadi Cassol, principal referência de honestidade, determinação e perseverança, que me incentiva a ser a cada dia um ser humano melhor.

À minha avó, Beatriz Verginia Slavieiro Cassol, que sempre demonstrou seu imensurável amor, principal incentivadora dos meus estudos, enxergando em mim um potencial que nem mesmo eu conseguiria um dia perceber. Obrigada pelo carinho, amizade e confiança, sua presença nutre e fortalece meu dia-a-dia.

À minha tia/dinda, Vanessa, que por mais que não esteve presente fisicamente ao longo da minha formação, nunca se deixou distante.

Às minhas queridas amigas, Beatriz, Jaqueline, Mariana Jaci, Daniella, Mariana Cabral, Brenda e Maria Carolina, que caminham ao meu lado há mais de 10 anos, sempre com palavras sinceras e divertidas, tornando meus dias mais fáceis e descontraídos.

Ao meu namorado, Railan, pessoa que me rega de amor, companheirismo, dedicação e respeito.

Aos meus mestres do CEULP/ULBRA, Ana Beatriz Dupré Silva, Carolina Santin Cotica, César Gustavo Moraes Ramos, Domingos de Oliveira, Heitor Abreu de Oliveira Dantas, Irenides Teixeira, Jonatha Rospide, Lauriane Moreira, Nara Wanda Zamora Hernandez, Rosana Carneiro Tavares, Cristina D'Ornellas Filipakis Souza e Wayne Francis Mathews. Obrigada à cada um, vocês fizeram a diferença na minha vida e me mostraram ser profissionais de ética e sabedoria. Levarei todos para sempre em toda a minha trajetória.

Agradecimento especial à minha orientadora, Jaci Augusta Neves de Souza, uma das pessoas mais pacientes e disponíveis que eu já conheci. Obrigada por estar presente, tirando todas as minhas inúmeras dúvidas e tornando este estudo um processo tão prazeroso. Sem a sua orientação e apoio, nada disso seria possível.

Agradeço ainda, a todos os colegas de faculdade com quem convivi ao longo destes cinco anos. Cada um deixou uma marca que não será apagada.

Não considere nenhuma prática como

imutável. Mude e esteja pronto a mudar
novamente. Não aceite verdade eterna.

Experimente.

(Burrhus Frederic Skinner)

RESUMO

CASSOL, Priscylla. A VIOLÊNCIA DE GÊNERO REPRODUZIDA NO DISCURSO DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Psicologia, pelo Centro Universitário Luterano de Palmas.

A violência de gênero se manifesta no discurso de mulheres vítimas de violência e caracterizam as relações de poder e dominação. Buscou-se investigar os casos atendidos pela Equipe Multidisciplinar da Vara Especializada ao Combate à Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, registrados no Fórum da cidade de Palmas (TO) - Brasil, no ano de 2014. Foi suposto que o discurso da mulher, em situação de violência, confirma as relações de poder e dominação exercidas por seus companheiros em circunstância de violência física e psicológica. A pesquisa é de natureza qualitativa, com objetivo metodológico exploratório, realizada através da análise documental. Como forma de registro e coleta de dados foi utilizado um roteiro estruturado em formato de planilha. A análise do discurso foi o método utilizado para extrair as informações sobre as variáveis desdobradas em perfil psicológico das participantes. Foram localizados 251 processos protocolados no ano de 2014. As fichas e relatórios que compunham os atendimentos serviram como material de análise e seleção da amostra, pela triagem das falas categorizadas como indicativas de relações de gênero e poder. Apenas 54 processos serviram como base para a análise final. Quatro categorias foram identificadas: controle da autonomia social, controle financeiro, controle das relações sexuais e violência explícita. Os

condicionantes para a manutenção da relação de danos psicológicos foram relacionados à faixa etária da participante, ao número de filhos, ao estado civil e à independência financeira. No cruzamento das informações, destacam-se as conclusões que a violência contra a mulher ocorre recursivamente repetindo-se em espiral, chegando muitas vezes à morte, e que a mulher se mantém na relação, apesar dos danos psicológicos, em função do medo que as ameaças (violência explícita) exercem sobre a sua autonomia.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Poder. Dominação.

ABSTRACT

CASSOL, Priscylla. THE GENDER VIOLENCE REPRODUCED IN SPEECH VIOLENCE VICTIM OF WOMAN. 2015. Working Course Completion (graduation) - Psychology, the Lutheran University Center of Palmas.

The gender violence is manifested in the discourse of women victims of violence and characterize the relations of power and domination. We sought to investigate the cases treated by the multidisciplinary team of the Special Court to Combat Domestic and Family Violence against Women, recorded in the City of Palmas Forum (TO) - Brazil, in the year 2014. It was alleged that the speech of women, in situations of violence, strengthen the relations of power and domination exercised by his companions on condition of physical and psychological violence. The research is qualitative, with exploratory methodological objective, accomplished through the document analysis. As a way to record and collect data it used a structured questionnaire in spreadsheet format compiled by Excel. The discourse analysis was the method used to extract the information about the variables deployed in personological profile of participants. Were located 251 cases filed in the year 2014. The records and reports that made the calls served as material analysis and selection of the sample for the screening of lines

categorized as indicative of gender and power relations. The processes whose complaints not specifically about violence against women in the family environment, were discarded. Only 54 cases were the basis for the final analysis. Four categories were identified: social control of autonomy, financial control, control of sex and graphic violence. The conditions for maintaining the relationship of psychological damage was related to the age of the participant, the number of children, marital status and financial independence. At the intersection of information, there are the conclusions that violence against women occurs recursively repeating spiral, coming often to death, and the woman remains in the relationship, despite the psychological damage, out of fear that threats (explicit violence) have on their autonomy.

Keywords: Gender Violence. Power. Domination.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Faixa etária das 19 mulheres da categoria controle da autonomia social	32
Tabela 2 - Estado civil das 19 mulheres da categoria controle da autonomia social	. 33
Tabela 3 – Quantidade de filhos das 19 mulheres da categoria controle da autonomia social	34
Tabela 4 - Independência Financeira das 19 mulheres da categoria controle da autonomia social	34
Tabela 5 - Faixa etária das 4 mulheres da categoria controle financeiro	35
Tabela 61 - Estado civil das 4 mulheres da categoria controle financeiro	35
Tabela 7 - Quantidade de filhos das 4 mulheres da categoria controle financeiro	35
Tabela 82 - Independência financeira das 4 mulheres da categoria controle financeiro	36
Tabela 9 - Faixa etária das 10 mulheres da categoria controle das relações sexuais	37

Tabela 10 - Estado civil das 10 mulheres da categoria controle das relações sexuais	37
Tabela 131 - Quantidade de filhos das 10 mulheres da categoria controle das relações sexuais	38
Tabela 12 - Independência financeira das 10 mulheres da categoria controle das relações sexuais	38
Tabela 13 - Faixa etária das 29 mulheres da categoria violência explícita	39
Tabela 14 - Estado civil das 29 mulheres da categoria violência explícita	40
Tabela 15 - Quantidade de filhos das 29 mulheres da categoria violência explícita .	40
Tabela 16 - Independência financeira das 29 mulheres da categoria violência explícita	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Desenho metodológico	25
Quadro 2 - Caracterização personológica das mulheres pesquisadas	28
Quadro 3 – Etapas de Análise de Dados	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
CEULP	Centro de Estudos de Psicologia e Psicanálise da Universidade Luterana do Brasil
OMS	Organização Mundial da Saúde
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VIOLÊNCIA DE GÊNERO	14
2.1 Breve Contextualização Histórica	17
3 AS RELAÇÕES DE PODER E DOMINAÇÃO	20

4 PERCURSO METODOLÓGICO	25
4.1 Caracterização das Mulheres Pesquisadas	26
4.3 Análise de Dados	30
5 RESULTADOS	32
5.1. Categoria sobre o Controle da Autonomia Social	32
5.2. Categoria sobre o Controle Financeiro	35
5.3 Categoria sobre o Controle das Relações Sexuais	37
5.4 Categoria sobre Violência Explícita	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos 20 anos o tema violência contra a mulher ganhou destaque na sociedade e diversas pesquisas foram desenvolvidas. A Organização Mundial de Saúde, desde 1990, reconhece este fenômeno como um problema de saúde pública, tendo em vista que uma entre seis mulheres no mundo sofre violência de gênero. Esta situação exige dos governantes políticas públicas mais eficientes de prevenção e combate para mudar tal problemática (PAIVA et al., 2014).

A partir da década de 1990, os estudos acerca de gênero foram se desenvolvendo e se passou a utilizar a expressão “violência de gênero” para além da “violência contra a mulher”, o que não acontecia, já que os dois termos eram considerados como sinônimos. Porém, não se pode deixar de destacar que a violência contra a mulher, apesar de não ser a única forma de violência de gênero, é considerada uma das principais e mais recorrentes (ARAÚJO, 2004). A violência de gênero se (re)produz nas relações de poder e dominação, que através dos anos, para

além da cultura patriarcal, delega aos homens o direito de dominar e controlar suas companheiras utilizando a violência física e psíquica como artifícios para a legitimação da desigualdade entre o masculino e o feminino (ARAÚJO, 2008).

No caso da violência de gênero, pode-se afirmar estar relacionada a um fenômeno contextual, que não acontece sempre da mesma forma, já que cada situação possui uma dinâmica própria em função com os contextos e histórias de vida dos indivíduos. É importante destacar a singularidade dos indivíduos envolvidos, como estes se articulam, e como homens e mulheres, com suas parcelas de poder, lançam mão ou não de estratégias de dominação e submissão e agem nestas circunstâncias (SAFFIOTI, 2001).

No que diz respeito à relevância social, Santos e Moré (2011) ressaltam que os homens, sejam eles maridos, companheiros, pais ou irmãos, são os principais agressores das mulheres, considerando-se, portanto, a violência contra a mulher sinônimo de violência de gênero. Nesse sentido, o Ministério da Saúde (2002) preconiza por gênero uma “construção cultural coletiva dos atributos da masculinidade e feminilidade”.

Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo investigar como a violência de gênero se manifesta no discurso de mulheres vítimas de violência e caracteriza as relações de poder e dominação. Destacam-se aqui as queixas de violência doméstica atendidas pela Equipe Multidisciplinar da Vara Especializada ao Combate à Violência

Doméstica e Familiar Contra a Mulher, no fórum de Palmas-TO. Ao longo do ano de 2014, foram revisados todos os processos e categorizadas as falas que caracterizam a violência de gênero. Levanta-se a hipótese de que o discurso da mulher em situação

de violência confirma as relações de poder e dominação exercidas por seu companheiro em circunstância de violência física ou psicológica.

Este estudo objetivou levantar todas as informações que foram objeto de queixas por mulheres vítimas de violência, na Equipe Multidisciplinar da Vara Especializada de Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, que funciona no Fórum de Palmas (TO). O trabalho realizado pelos profissionais da área social e psicológica tem por finalidade desenvolver estratégias de conscientização da violação de direitos que afeta a integridade física, moral e psicológica da mulher, para fazê-las compreender a situação vivenciada, se sobrepujar à força física e poder masculino, quebrando paradigmas culturais para sair da relação de violência. Assim, foi realizado o levantamento documental dos 251 processos enviados para a Equipe Multidisciplinar ao longo do ano de 2014. Destes, 54 processos foram selecionados com indicativos de violência de gênero.

14

2 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

O gênero é o sexo atribuído desde a constatação de que um bebê é menino ou menina. Ali sua identidade começa a ser construída sob uma complexa trama de influências que abrangem desde a linguagem, as atitudes até as expectativas futuras daquele recém-nascido (ARAÚJO; MATTIOLI, 2004).

Segundo Diniz et al. (2003), desde muito cedo homens e mulheres aprendem o seu sexo social, o que significa que a partir de estereótipos culturais, que expressam o contexto generalizado da imagem de homem e mulher, os comportamentos de ambos os sexos são exigidos, reproduzidos e naturalizados como próprios. Entre alguns dos comportamentos masculinos, estão aqueles que determinam a

masculinidade, virilidade e levam muitos homens a praticar atos violentos e agressivos em suas relações conjugais.

O mundo deste indivíduo que acaba de nascer será formado pouco a pouco, aprendendo socialmente o que é ser mulher e o que é ser homem, de uma maneira aparentemente natural e espontânea, em um processo que dura toda a vida. A construção de gênero é evidente quando se observa que fazer-se homem ou mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades, culturas e, em distintas épocas (ARAÚJO; MATTIOLI, 2004).

Gênero também pode ser interpretado como “um conjunto de normas modeladoras de homens e mulheres, que estão expressas nas relações destas duas categorias sociais”, entendendo que pode ocorrer na relação homem-mulher, homem-homem, mulher-mulher (SAFFIOTI, 1999). No entanto, o que mais tem evidenciado destaque socialmente é a relação homem-mulher, foco substancial do presente estudo. Gênero é um conceito das Ciências Sociais que surgiu como um referencial teórico para a análise e compreensão da desigualdade entre o que é atribuído à mulher e ao homem, porém não explicita, necessariamente, tais desigualdades. Muitas vezes a hierarquia é presumida. É uma herança comum, histórica, que perpassa por todas as classes sociais, culturais e sociedades. Assim, é um fenômeno intrínseco ao processo civilizatório. Os papéis de gênero são ensinados como próprios da condição de ser homem e de ser mulher, refletindo na configuração idealizada do masculino e feminino sem perceber os impactos da sua produção e reprodução social (GOMES et al., 2007).

Para Scott (1995), o conceito de gênero é muito mais amplo que a noção de

patriarcado, viriarcado, androcentrismo, falocracia ou falo-logo-centrismo. O autor enfatiza três principais características: a dimensão relacional, gênero como construção social da diferença entre sexos e como um campo primordial onde o poder se articula. O autor ainda propõe outro ângulo para se analisar sobre as relações de gênero utilizando também o conceito de Foucault (1981) sobre poder. Um poder não localizado ou instituído de forma fixa e absoluta, mas um poder in fluxo que se organiza de acordo com o campo de forças.

Assim, entende-se que o gênero é relacional, não se trata de um fenômeno estático, imutável. Nesta relação não se admite um poder masculino absoluto, já que as mulheres detêm parcelas de poder na relação, porém nem sempre suficientes para sustar a dominação e a violência que sofrem de seus companheiros. À vista disso, é possível pensar na possibilidade de diferentes processos subjetivos e singulares vividos por homens e mulheres ao longo de sua vida, que os moldam e os conduzem à violência.

Seguindo esse raciocínio, Lauretis (1987) considera a pluralidade do indivíduo, percebendo-o como “sujeito múltiplo” e propõe o conceito de “gêneros inteligíveis”, referindo-se às diferentes identidades de gênero que podem assumir uma matriz hegemônica construída segundo ideologias de gênero dominantes, ou distanciar-se delas assumindo novos jeitos de ser. O ser homem e o ser mulher pode se desenvolver de diversas formas, pensando no processo de singularização de cada um, bem como os diferentes modos de expressão da masculinidade e da feminilidade.

Segundo Scott (1994), homens e mulheres não cumprem sempre, nem literalmente, as prescrições de sua sociedade ou de suas categorias analíticas. Destarte, é preciso examinar as formas pelas quais as identidades generificadas são construídas de acordo com representações sociais historicamente específicas

(ARAÚJO; MATTIOLI, 2004).

Pesquisadores e estudiosos do fenômeno que caracteriza a violência contra a mulher utilizam a categoria de gênero, para discutir tal problemática. Daí surge a terminologia violência de gênero que expressa um tipo de violência contra a mulher (SANTOS; IZUMINO, 2005). Saffioti e Almeida (1994) explicam que a violência de gênero desconhece qualquer fronteira, seja de classes sociais, tipos de cultura e grau de desenvolvimento econômico. Assim, ela pode ocorrer em qualquer lugar, tanto no

16

espaço público como no privado e ser praticado em qualquer etapa da vida das mulheres, por parentes, conhecidos ou estranhos.

Trata-se de um fenômeno social. Materializado através das densas relações de poder estruturadas e estruturadoras de condições, tanto objetivas quanto subjetivas, de domínio e exploração, em constante transformação, fazendo parte da mutabilidade intrínseca da sociedade. A partir disto, o gênero torna-se um primeiro modo de dar significado às relações de poder, construindo a identidade do homem e da mulher (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1994).

Culturas patriarcais reproduzidas na família reforçam os papéis sociais esperados do comportamento dos homens e das mulheres. A sociedade delegou à mulher, devido à sua condição biológica de engravidar e amamentar, o cuidado com os filhos, o marido e o lar, sendo responsabilizada por quaisquer erros cometidos dentro da dinâmica familiar. Dela, espera-se delicadeza, sensibilidade, passividade, subordinação, suavidade, abnegação e obediência (GOMES et al., 2007).

Por sua vez, os homens estão relacionados aos espaços públicos, a papéis de provedor e chefe da família, à virilidade, destemor e agressividade. Tais atributos

acabam por valorizar o homem em detrimento da mulher legitimando a supremacia em dominação masculina ao lado da inferiorização e subordinação feminina (DINIZ et al., 2003).

É importante destacar que a construção da violência no âmbito doméstico contra a mulher, não tem relação com as diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas sim com papéis sociais fortalecidos ao longo do tempo. A introdução da categoria gênero foi de fundamental importância para a percepção da violência no espaço familiar, evidenciando essas relações hierárquicas como perpetradoras da violência (GOMES et al., 2007).

Nesta compreensão, a violência de gênero engloba diferentes formas de violência praticadas no âmbito das relações de gênero, desencadeadas não só por homens contra mulheres, como também aquelas praticadas por mulheres contra homens, a violência entre mulheres e a violência entre homens. E amplia o conceito para que a dinâmica das relações principalmente afetivo-conjugais heterossexuais e homossexuais sejam assimiladas em suas novas configurações (ARAÚJO; MATTIOLI, 2004).

17

2.1 Breve Contextualização Histórica

A partir da década de 1980, a literatura sobre a violência contra a mulher surge no Brasil, e passa a constituir uma das principais áreas dos estudos feministas, devido às mudanças sociais e políticas no país, tais como o movimento de mulheres e o processo de redemocratização. Com o objetivo de dar visibilidade à violência contra as mulheres e, como fim de combatê-las através de intervenções psicológicas, sociais e jurídicas, começam a surgir as delegacias da mulher, sendo a principal política

pública para o combate da violência contra a mulher (SANTOS; IZUMINO, 2005).

As feministas introduzem a categoria gênero e avançam nas discussões feitas sobre a diferença entre os sexos e os princípios masculino e feminino, passando ao largo da questão de poder subjacente ao foco masculino. É importante, não só constatar as diferenças de gênero, mas considerar como elas foram construídas social e culturalmente, como são estabelecidas as relações de dominação entre os sexos, bem como os conflitos suscitados a partir disto. Ainda, a forma como são elaborados os papéis do homem e da mulher, as expectativas, as divisões sociais e sexuais do trabalho. Entenda-se que o conceito de gênero vai muito além do feminino/masculino e do sexo biológico (MURARO; BOFF, 2010).

Os trabalhos iniciais sobre a violência contra a mulher nos anos 80, pouco problematizavam a ideia de vitimização. “Já nos anos 90, incentivados pela observação empírica e pelas discussões teóricas que introduzem a categoria gênero nos estudos feministas no Brasil, novos estudos sobre violência contra as mulheres retomam e aprofundam o debate sobre vitimização” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 2).

O movimento feminista mundial, por um lado, colocou em xeque o projeto do patriarcado e desconstruiu as relações de gênero, organizadas sob o signo da opressão e da dependência, e por outro, inaugurou relações mais simétricas entre os gêneros. Estes avanços nos deixam entrever o surgir de uma virada no eixo cultural da humanidade. Esboça-se por todas as partes um novo tipo de manifestação do feminino e do masculino em termos de parcerias, de colaboração e de solidariedade, nas quais homens e mulheres se acolhem nas suas diferenças no horizonte de uma profunda igualdade pessoal de origem e de destino, de tarefa e compromisso na construção de mais benevolência para com a vida e a Terra e de formas sociais mais participantes e democráticas entre gêneros (MURARO; BOFF, 2010).

Porém, sabe-se que qualquer desconstrução histórica não acontece do dia para a noite. A sociedade atualmente luta contra o patriarcado e busca o direito igualitário

de homens e mulheres, tentando tirar a mulher do contexto de inferioridade e

18

fragilidade, que deve ser protegida pelo seu companheiro e ocupe a posição de força e independência, saindo do estereótipo de “vítima”.

O tema vitimização, ganha destaque devido à retirada de queixas pelas mulheres que sofreram algum tipo de violência. Diante desta realidade, o conceito de gênero definido pelos estudiosos como uma construção social do feminino e do masculino, começa a ser utilizado para a compreensão das complexidades que levam as mulheres à retirada da queixa (SANTOS; IZUMINO, 2005).

Pesquisas realizadas no Brasil entre os anos de 1990 e 2000 constataram que a mulher é a maior vítima da violência de gênero. Segundo estatísticas, 95% dos casos de violência praticada contra a mulher, o agressor é o homem. Para estes casos, usa-se, frequentemente, o termo violência de gênero e violência contra a mulher como sinônimos, mesmo não tendo o mesmo significado (GROSSI, 1998). A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher define violência contra a mulher como "qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada" (OEA, 1994, p. 01). Ou seja, toda violência contra a mulher pode ser considerada violência de gênero, mas nem toda violência de gênero é considerada violência contra a mulher, apesar de ser um dos principais e mais recorrentes tipos.

No ano de 2005 a Organização Mundial de Saúde (OMS), revelou que uma em cada seis mulheres no mundo sofre violência de gênero. Já nos artigos publicados em 2013, a OMS destaca que 1/3 das mulheres no mundo sofrem este tipo de violência,

envolvendo em sua grande parte agressões físicas cometidas predominantemente, por maridos ou companheiros, no âmbito dos domicílios.

A valorização diferenciada dos papéis masculino e feminino acaba por “justificar” a violência contra a mulher baseada nas normas sociais ligadas ao gênero. Noronha (2005) revela que estudos feitos na década de 90 sobre as razões alegadas em diversos países para violências ligadas ao gênero mostram que em países como Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Venezuela, Israel e Cingapura é comum que a violência contra a mulher seja aprovada e justificada quando ocorre a infidelidade feminina. Já no Egito, Nicarágua e Nova Zelândia, a mulher deve ser punida quando não cuida da casa e dos filhos, e, quando se recusa em ter relações sexuais; da mesma forma em Israel e em Gana. A desobediência por parte da mulher ao seu marido é justificativa para a violência no Egito, Índia e Israel.

19

Desse modo, entende-se que o abuso por parte do marido ou companheiro é a forma mais comum de violência contra a mulher e encontra-se presente em muitas culturas, se manifestando de diversas formas, por agressões físicas, psicológicas e relações sexuais forçadas (NORONHA, 2005).

Dentro dessa ótica, para Bourdieu (1999), a dominação masculina exerce uma “dominação simbólica” sobre toda a sociedade e inclui discursos e práticas sociais e institucionais. Porém, não se pode entender que a dominação masculina se reproduza de modo idêntico. A violência de gênero está para além disto. Incidentemente, pelo fato de ocorrer no âmbito doméstico, conjugal e/ou familiar, esta categoria passou a ser usada como sinônimo para violência doméstica (GROSSI, 1998). Violência de gênero é um conceito mais amplo do que violência contra a mulher, pois abrange não

só mulheres, mas também crianças e adolescentes objetos da violência masculina, que no Brasil, é constitutiva das relações de gênero (SAFFIOTI, 1994).

20

3 AS RELAÇÕES DE PODER E DOMINAÇÃO

Antes do movimento feminista de 1970, os antropólogos norte-americanos e europeus consideravam que os homens sempre haviam sido mais poderosos que as mulheres e seus estudos sobre diversos povos refletiam estas convicções. Porém, após alguns anos, entendeu-se que nenhum dos sexos domina o outro, passando a considerar-se uma visão distorcida. No entanto, alguns acadêmicos ocidentais ainda não assimilaram este ponto de vista e em conjunto com crenças profundamente arraigadas insistem na existência da hierarquia entre sexos, fiés a estudos sobre povos e culturas que demonstram dominação e poder sobre as mulheres (FISHER, 1992). A mudança começa a surgir com os movimentos feministas: antropólogas passam a desafiar o dogma universal da submissão feminina. Constatou-se que a maior parte dos estudos de campo foram realizados por pesquisadores homens, utilizando informações de informantes também do sexo masculino, desenvolvendo estudos preconceituosos encobrendo a fala das mulheres e ignorando seu papel na sociedade, enaltecendo apenas as atividades masculinas e contaminando os estudos antropológicos (FISHER, 1992).

A primeira corrente teórica sobre violência contra as mulheres nos anos 80s corresponde ao artigo de Marilena Chauí: “Participando do debate sobre mulher e violência” (1985). A autora concebe que a violência contra as mulheres é o resultado de uma ideologia de dominação masculina, produzida e reproduzida tanto por homens

quanto por mulheres. Assim, a autora define como violência uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com o objetivo de dominar, explorar e oprimir, tratando o ser como objeto e não como sujeito, é silenciado e se torna dependente passivo, perdendo sua autonomia/liberdade entendida como “capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir” (SANTOS; IZUMINO, 2005).

Desse modo, a dominação masculina não pode ser vista como algo fechado, que tem uma produção/reprodução de maneira idêntica, já que há variações na forma que o poder patriarcal se institui e se legitima, bem como nas formas de resistência que as mulheres se desenvolvem nos diferentes contextos (ARAÚJO, 2008). Há uma convicção oriental, no mundo inteiro, de que os homens dominam as mulheres, essa certeza passa de geração a geração como um gene nocivo (FISHER, 1995).

[...] embora o homem seja o maior agressor nas situações de violência, não se pode universalizar esse fenômeno, a ponto de considerar a

21

violência de gênero como sinônimo de violência contra a mulher. Embora a dominação masculina ainda seja um privilégio que a sociedade patriarcal concede aos homens, nem todos os homens o utilizam da mesma maneira, assim como nem todas as mulheres se submetem igualmente a esta dominação (ARAÚJO; MATTIOLI, 2004).

Por outro lado, Chauí (1985) concebe que as diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos masculinos sobre as mulheres. Tais discursos podem ser proferidos tanto por homens quanto por mulheres sobre o corpo da mulher, com a visão da condição feminina de reprodutora, definida como esposa, mãe e filha, ser dependente destituído da liberdade de pensar, sentir e agir autonomamente (SANTOS; IZUMINO, 2005).

Assim, Araújo e Mattioli (2004) comentam sobre os diversos fatores e

processos subjetivos que envolvem homens e mulheres e os levam às situações de violência e, que os motivos alegados pelos homens para justificar a violência contra a mulher são variados, mas que na maioria das vezes nem requer um motivo concreto. Observa-se que os homens se sentem no direito de bater, explorar e dominar suas mulheres com ou sem motivo, tendo para isso a “conivência da sociedade sexista, que permite acordos silenciosos, principalmente quando a briga é entre “homem e mulher””. Esses autores ainda trazem que o alcoolismo, o uso abusivo de drogas, os distúrbios mentais e o desemprego, por exemplo, são fatores considerados propiciadores da violência, mas o fator preponderante é a ordem patriarcal que legitima o poder dos homens sobre as mulheres.

Ao vivenciar a relação de violência não só física, mas psicológica, através de xingamentos, humilhações e depreciação, a mulher sente-se mais insegura, com a autoestima reduzida, tornando-se cada vez menos capaz de enfrentar as agressões sofridas. Esta situação é potencializada quando ela não possui força psicológica e, principalmente, independência econômica para sair da relação, vivendo em uma condição de desamparo, com papel de vítima nos episódios de violência física, como a exacerbação de um padrão não igualitário de relações de gênero (AZEVEDO, 1985).

Já, Santos e Moré (2011) comentam que alguns dos possíveis motivos que mantêm as mulheres na situação de violência, segundo o Ministério da Saúde (2002), são: história familiar na qual havia agressão entre os pais ou pessoas próximas a elas; ela mesma ter sido vítima de violência física, negligência ou abuso sexual, entre outros, quando criança ou adolescente; o uso do casamento como forma de sair de casa; o desejo de proteção, a dependência e a estabilidade no casamento; a crença

na mudança de atitude do marido/companheiro; a crença na incapacidade de viver sem o marido/companheiro e sem um pai para os filhos; a desresponsabilização do marido/companheiro ao atribuir a fatores externos (como desemprego, uso de drogas, etc.) o comportamento agressivo exibido por ele; a exagerada valorização de atributos apresentados pelo marido/companheiro como o fato de ser trabalhador e bom pai, como forma de amenizar a violência exercida contra ela; o medo de, com a separação, perder a guarda dos filhos ou ter que sair de casa; e a falta de apoio da família e de uma rede social.

Estes motivos, a crença de impunidade do agressor e que a violência aumente após a denúncia, levam a mulher a permanecer em uma relação violenta e a não denunciar ou buscar ajuda. Mesmo nos casos em que a mulher decide denunciar seu companheiro, o índice de retirada das queixas ainda é muito elevado, onde 26% das mulheres que já sofreram violência perpetrada pelo seu companheiro ainda convivem com o agressor (SENADO, 2015).

O poder manifestado nas relações de violência é descrito segundo Arendt (1994):

[...] o poder, ao que tudo indica, é um instrumento de dominação, enquanto a dominação, assim nos é dito, deve a existência a um instituto de dominação. Lembramo-nos imediatamente do que Sartre disse a respeito da violência quando em Jovenel que 'um homem se sente mais homem quando se impõe e faz dos outros um instrumento de sua vontade, o que lhe dá um prazer incomparável'. (1994, p.32)

Entende-se, desse modo, que os papéis impostos às mulheres e aos homens foram reforçados e consolidados pelo patriarcado ao longo da história, induzindo as relações violentas entre os sexos indicando que o poder e a dominação existentes nas relações de gênero não são frutos da natureza do indivíduo e sim de todo o

processo de socialização que ele está inserido (TELES; MELO, 2002, p.18).

Quando se fala da mulher em situação de violência, remete-se a um processo interacional que segundo Santos e Moré (2011) não pode ser considerado como uma construção individual, mas como uma trama relacional, que todas as partes envolvidas são afetadas recursivamente. Ou seja, tanto nas relações conjugais, familiares e sociais as ações entre seus integrantes podem gerar atitudes de violência como condições de submissão. Assim, a posição de “vítima” ou agressor dependerá do contexto em que a situação de violência ocorrer.

A questão do gênero segundo Azevedo (1985), é uma das variáveis da violência perpetrada pelo homem contra a mulher. Além dos fatores estruturais

23

referentes da condição feminina, há também fatores ideológicos e históricos, como por exemplo, o machismo, que ao longo dos anos legitima o padrão de dominação do homem sobre a mulher, utilizando a força física, remetendo ao padrão de sociedade/família patriarcal relacionado diretamente à educação e o modo que o gênero é ensinado aos homens e mulheres.

Desta forma, Muraro e Boff (2010) explicam que só é possível a convivência minimamente harmoniosa entre o casal se este exercer uma atitude vigilante de autocrítica, uma capacidade de aceitação dos limites um do outro, uma ética transparente de benevolência e compaixão e espiritualidade como fonte permanente inspiradora de sublimações e de novas motivações. Desse modo, é possível, de certo modo, abrandar o poder existente na relação entre o casal que respeita o companheiro e está em busca do autocontrole.

Nesta ótica, o poder é articulado segundo o “campo de forças”, e se homens e

mulheres detêm parcelas de poder, embora de forma desigual, utilizam estratégias de poder, dominação e submissão de forma subjetiva, assim, não se pode considerar o fenômeno como estático e universal, muito pelo contrário (ARAÚJO; MATTIOLI, 2004). Por esse ângulo, fica clara a influência das desigualdades históricas e socialmente construídas entre homens e mulheres. Segundo Santos e Moré (2011):

Entre os fatores que servem de base de sustentação para a ocorrência das desigualdades entre os gêneros e para a sua perpetuação até os dias de hoje, está o machismo ainda presente em nossa sociedade e que contribui para a prevalência da compreensão de que o homem é mais forte e mais competente do que a mulher, não apenas física, mas também psicologicamente mais bem preparado do que ela (AZEVEDO, 1985).

O advento do patriarcado é a forma institucionalizada assumida pelo machismo que legitima o homem como único chefe da família. “Assim como o machismo, o patriarcado não é mais tão dominante, mas também não desapareceu completamente” (SANTOS, MORÉ, 2011). Os autores afirmam ainda, que o uso da força como método para a resolução de conflitos se legitima quando os homens se apoiam em um modelo social que apoia a supremacia masculina, ou seja, que dá ao homem o direito de controlar suas companheiras.

Mesmo com a luta de igualdade de gêneros, atualmente muitas famílias ainda vivem conforme o modelo de família patriarcal, nuclear, monogâmica, burguesa, valorizando a tradição, a hierarquia e a obediência da mulher em relação ao homem por considerarem que este seja o padrão mais correto de estruturação de um ambiente

24

familiar (NARVAZ; KOLLER 2006). É nesta perspectiva que o presente estudo buscou investigar como a violência de gênero se manifesta no discurso de mulheres vítimas de violência física, psicológica e sexual, a partir do exame dos processos registrados

no Fórum de Palmas-TO, durante o ano de 2014.

25

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Evidenciou-se como metodologia de pesquisa o levantamento documental. As fichas e os relatórios de atendimentos realizados pela Equipe Multidisciplinar da Vara Especializada no Combate à Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, no fórum de Palmas-TO foram analisados. Todos os processos registrados por mulheres com queixas de violência doméstica, ao longo do ano de 2014, foram examinados, excluindo-se aqueles que não tratavam, especificamente, sobre a violência de gênero. Para a aplicação da pesquisa, foi solicitada à Coordenação da Equipe Multidisciplinar autorização para o estudo. Neste ofício, registrou-se o caráter estritamente confidencial da pesquisa, além de que as informações encontradas seriam utilizadas com finalidade científica e mantido sigilo acerca dos nomes constantes nos processos, de acordo com as normas éticas da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Quanto aos critérios de inclusão, os processos cujas queixas não tratavam especificamente de violência contra a mulher no ambiente familiar, foram descartados. Para o presente estudo apenas 54 processos foram selecionados.

As informações coletadas foram organizadas, sistematizadas e tabuladas utilizando um instrumento estruturado de coleta de dados (ver apêndice A), que permitiu a organização das queixas em quatro categorias: controle da autonomia social, controle financeiro, controle das relações sexuais e violência explícita. O perfil da participante foi estabelecido tendo em vista as variáveis a seguir: Idade, estado civil, quantidade de filhos e independência financeira. Abaixo, o quadro 1 apresenta o desenho metodológico utilizado para a análise e categorização das queixas.

Quadro 1 - Desenho metodológico

VARIÁVEIS CATEGORIAS

Idade Controle

da

Autonomia

Social

Controle Estado Civil

das

Filhos

Relações

Independência Financeira

Sexuais

Fonte: Elaboração Própria

Por se tratar de informações pessoais contidas nos relatórios confeccionados pela equipe multidisciplinar, este projeto de pesquisa foi cadastrado na Plataforma Brasil para apreciação, CAAE 45504415.9.0000.5516, do Comitê de Ética em Pesquisa do CEULP, de acordo com a Resolução CNS no 466/2012 e Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) no 001/2013, em que constam as diretrizes, normas regulamentadas e procedimentos de pesquisa que envolvem seres humanos e, somente após a aprovação, a pesquisa foi iniciada.

No que tange aos riscos para os participantes, entende-se que, por envolver seres humanos, ainda que indiretamente, oferece riscos imediatos ou tardios, como a revelação dos nomes, informações de relações sociais e familiares, endereços e telefones, sendo que a exposição de tais informações poderia levar a um desconforto e constrangimento aos participantes. Portanto, para minimizar a ocorrência destes riscos, a coleta de dados foi realizada pela pesquisadora dentro da sala da equipe multidisciplinar, a fim de evitar possível exibição dos documentos, resguardando o sigilo e anonimato tanto das pessoas participantes, com o comprometimento do sigilo dos dados, não os divulgando de forma individualizada e sendo socializados somente em dados coletivos, evitando, assim, possíveis suposições de identificação.

A relevância social e científica do estudo se evidenciam pelos benefícios tanto para as pessoas envolvidas, principalmente as mulheres “vítimas” de violência, como para a ampliação do conhecimento relativo ao fenômeno da violência de gênero, dando maior cientificidade para o tema por meio da exploração sobre as relações de

poder e dominação do homem em relação à mulher. Tais benefícios são retornáveis à comunidade através de políticas públicas e ações direcionadas a atender toda a sociedade.

4.1 Caracterização das Mulheres Pesquisadas

Dos 251 processos analisados apenas 54 atenderam as especificidades do objeto de estudo proposto, de acordo com o instrumento de coleta de dados estruturado para categorizar as informações relevantes. Uma planilha elaborada em Excel foi utilizada para estruturar as informações relevantes, tais como idade, estado civil, ocupação laboral e número de filhos, como características individuais. Além dessas informações, foram categorizadas as falas de acordo com as situações de violência que deram causa para o registro de processo na Vara de Família do Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins.

27

O Quadro 2 abaixo apresenta as características personológicas das mulheres que registraram queixas no Fórum. A idade variou entre 18 a 56 anos. Das 54 mulheres que abriram processos contra seus parceiros, um número significativo (23), em vista da quantidade de mulheres pesquisadas (54), está na faixa etária entre 26 e 35 anos. Nessa faixa, oito são solteiras, cinco casadas e dez em situação de união estável. Apenas uma delas não tem filhos e a maioria (17) são independentes financeiramente. Pode-se ainda observar, que 17 das 54 mulheres pesquisadas que são vítimas de violência de gênero, física ou psicológica, não possuem nenhum vínculo conjugal com seus companheiros, ou seja, são solteiras (destaque em rosa). Uma dessas 17 mulheres ganha maior foco (destaque em verde), pois além de

solteira, não possui filhos e é independente financeiramente do seu companheiro, e mesmo assim permanece na relação de violência.

28

Quadro 2 - Caracterização personológica das mulheres pesquisadas

Faixa Etária Total de mulheres

pesquisadas Idade Estado Civil Filhos Independência

Financeira

18-25 11

18 Solteira 0 Não 19 Casada 1 Não 20 União estável 2 Não 21 União estável 1 Sim 22 Casada 2 Sim 22 Casada 1 Não 23 Solteira 0 Não 23 União estável 3 Não 24 Solteira 1 Não 24 Casada 1 Sim 25 Solteira 2 Não

26-35 23

26 Solteira 3 Não 26 União estável 2 Sim 26 União estável 1 Sim 27 Casada 1 Sim 28 Solteira 2 Sim 28 União estável 3 Sim 28 Casada 2 Sim 29 União estável 1 Sim 29 União estável 4 Não 29 Solteira 2 Sim 30 União estável 4 Sim 30 União estável 4 Não 30 União estável 2 Não 31 União estável 3 Sim 32 Casada 2 Sim 32 Solteira 2 Não 32 Solteira 1 Não 33 Casada 3 Sim 33 União estável 3 Sim 34 Solteira 0 Sim 34 Solteira 1 Sim 35 Casada 2 Sim 35 Solteira 4 Sim

36-45 12

36 Casada 2 Sim 37 Solteira 4 Sim 37 Solteira 2 Sim 37 Casada 2 Sim 38 União estável 4 Não 39 União estável 4 Sim 39 União estável 2 Sim 39 Casada 3 Sim 41 Casada 2 Sim 41 Casada 3 Sim 43 Solteira 6 Não 45 Casada 2 Sim

46-55 7

47 União estável 2 Sim 47 União estável 3 Sim 48 Solteira 2 Não 50 Solteira 2 Sim 50 Casada 5 Sim 51 União estável 2 Sim 52 Casada 2 Sim Acima de 55 1 56 Casada 2 Não

TOTAL: 54 participantes

17 solteiras 36 Sim

18 casadas 19 União estável 18 Não

Fonte: Elaboração Própria

29

Quanto à quantidade de filhos, três mulheres não têm filhos, dez possuem apenas 1 filho, vinte e três têm 2 filhos, nove têm 3 filhos, sete têm 4 filhos, uma declarou ter 5 filhos e uma disse ter 6 filhos. Destaque-se que para as três mulheres que não tem filhos, apenas uma é independente financeiramente e está na faixa etária de 25 a 36 anos (destaque verde).

Considerando-se que a referência brasileira para a independência financeira é o salário mínimo, presume-se que essa mulher consiga sustentar-se e até romper uma

relação de violência doméstica. Assim, 36 mulheres consideram-se independentes financeiramente de seus companheiros e capazes de viver com tal renda e 18 são dependentes. Supostamente, as mulheres que não possuem independência financeira estarão mais propensas a continuar na relação de violência, por não conseguirem se sustentar sem ajuda de seu companheiro.

Segundo Souza e Ros (2006) “muitas vezes, a dependência financeira é fator de aceitação em um relacionamento marcado pela violência, seja física, sexual ou psicológica”. Santos e Moré (2011) afirmam que “o fato de ganharem pouco, ou de terem que depender do companheiro para sobreviver, apenas favoreceu o aumento da vulnerabilidade e do desamparo, bem como a diminuição da autoestima dessas mulheres”

4.2 Categorias de Análise

As queixas catalogadas no discurso das 54 mulheres em situação de violência foram classificadas em quatro categorias de análise que surgiram de acordo com as queixas relatadas. Ficaram definidas as seguintes categorias: controle da autonomia social, controle financeiro, controle das relações sexuais e violência explícita, como a seguir. A categoria que inclui as falas referentes ao controle da autonomia social é definida a partir de situações onde o controle exercido pelos companheiros se referem aos afazeres domésticos, às saídas e horários da mulher, até mesmo para trabalhar. A desconfiança leva o homem a proferir ameaças e a exercer um controle exagerado de toda a sua autonomia social.

O controle financeiro é caracterizado pela necessidade exagerada de controlar o dinheiro que elas ganham na atividade laboral. Não há nenhuma autonomia sobre como administrar o produto de seu trabalho.

No que diz respeito às relações sexuais, o controle refere-se à deliberação que o companheiro quer exercer sobre a anuência da mulher, ainda que a companheira não concorde por motivos de indisposição, doenças, período menstrual, ou simplesmente pelo direito que lhe assiste de dizer “Não”!

A categoria da violência explícita foi definida por falas ou queixas que identificaram, principalmente, agressões físicas, ameaças contra a vida, proibições de sair de casa, controle de relacionamentos com outras pessoas e a estar sempre em atividades laborais, sem descanso e sem lazer.

4.3 Análise de Dados

Para a realização da análise dos dados foi utilizado como referência metodológica Santos e Moré (2011), e envolveu as seguintes etapas:

Quadro 3 – Etapas de Análise de Dados

ETAPAS DE ANÁLISE DE DADOS

1a) Fonte: Elaboração própria Análise dos dados realizado à medida que foram coletados e se desenhavam à luz do objetivo da pesquisa, através de leituras sucessivas dos relatos e relatórios provenientes dos atendimentos realizados pela Equipe Multidisciplinar, o que promoveu maior profundidade compreensão das queixas descritas pelas participantes.

2a)

Os dados foram, então, desmembrados, examinados e comparados, possibilitando a reelaboração de categorias de acordo com as suas especificidades.

3a)

As categorias (controle da autonomia social, controle financeiro, controle das relações sexuais e violência explícita) foram nomeadas buscando a representação dos significados das queixas apresentados nos relatos e relatórios.

4a)

Os dados obtidos a partir das análises dos discursos sustentaram a nomeação das categorias, que tomadas em seu conjunto, levaram a uma compreensão integrada do fenômeno central desta pesquisa, que é de investigar como a violência de gênero se manifesta no discurso de mulheres vítimas de violência caracterizando as relações de poder e dominação.

permitiu o armazenamento de todos os dados, organização e apresentação destes em tabelas e gráficos para propiciar melhor visualização e posterior análise de acordo com a literatura pertinente.

32

5 RESULTADOS

Os resultados são demonstrados e analisados em função da incidência das variáveis sobre as categorias de análise. O Quadro 2 apresenta as características personológicas. Com as informações a seguir é possível desenhar o perfil da mulher vítima de violência de gênero.

5.1. Categoria sobre o Controle da Autonomia Social

Dezenove mulheres registraram queixas relativas ao controle da autonomia social. Cinco delas estão com idade entre 18 e 25 anos, nove declararam ter entre 26 e 35 anos, quatro entre 36 e 45 anos e uma entre 46 e 56 anos, tabela 1.

Tabela 1 - Faixa etária das 19 mulheres da categoria controle da autonomia social

Variável	Idade	lo %
19	18-25	5,26
21	26-35	5,26
22	36-45	5,26
23	46-56	5,26
24	18-25	5,26
27	26-35	5,26
28	36-45	10,53
29	46-56	5,26
30	18-25	5,26
32	26-35	10,53
33	36-45	5,26
35	46-56	5,26
37	18-25	5,26
38	26-35	5,26
41	36-45	5,26
43	46-56	5,26
50	18-25	5,26
Soma total		19 100

Fonte: Elaboração Própria

Quanto ao estado civil, cinco dessas mulheres afirmaram ser solteiras, oito declararam ser casadas e seis relatam estar vivendo em união estável com seus

Tabela 2 - Estado civil das 19 mulheres da categoria controle da autonomia social

Variável Estado civil No %

Solteira 5 26,32 **Casada 8 42,11** União Estável 6 31,58 Soma total 19 100 Fonte:
Elaboração Própria

Abaixo algumas das queixas destas mulheres sobre o controle da autonomia social exercida pelos seus companheiros:

Participante de 27 anos, casada, independente financeiramente e possui um filho, expõe: *"Ele me obrigava a fazer os serviços domésticos mesmo se eu não quisesse. Ele dizia que eu que devia cuidar da casa enquanto ele ficava deitado"*.

Participante de 32 anos, casada, independente financeiramente e possui dois filhos afirma *"Ele não ajudava nas despesas da casa e quando eu arrumava um emprego ele não me deixava ir, me ameaçava e dizia que ia colocar fogo na casa se eu saísse"*.

Participante de 35 anos, solteira, independente financeiramente e possui quatro filhos, diz: *"Ele não queria que eu entrasse na empresa que estou trabalhando porque eu tenho colegas homens e por isso ele fica me xingando"*.

Participante de 50 anos, casada, independente financeiramente, com cinco filhos, relata: *"Ele regulava os meus horários para chegar em casa, dizia que eu namorava com outros no meu trabalho, depois de um tempo começou a me seguir e vigiar sempre que eu saía"*.

A seguir, a tabela 3 apresenta a variável relacionada à quantidade de filhos declarada pelas mulheres que apresentaram queixas de Controle da Autonomia Social. Observa-se que 36,84% das mulheres que registraram falas nesta categoria possuem apenas um filho.

34

Tabela 3 – Quantidade de filhos das 19 mulheres da categoria controle da autonomia social

Qt. Filhos	Qt. Mulheres	%
Um	7	36,84
Dois	2	10,53
Três	4	21,05
Quatro	4	21,05
Cinco	1	5,26
Seis	1	5,26
Soma Total		19 100

Fonte: Elaboração Própria

Em relação à variável independência financeira, sete mulheres declararam ser dependentes financeiramente do companheiro. Doze são independentes, o que corresponde a 63,16% delas, tabela 4.

Tabela 4 - Independência Financeira das 19 mulheres da categoria controle da autonomia social

Variável	Independência Financeira	No	%
Sim	12	63,16	
Não	7	36,84	
Soma Total		19	100

Fonte: Elaboração Própria

Mulheres que se declararam independentes financeiramente de seus companheiros, registraram queixas que caracterizam o controle da autonomia social, tais como: *“Eu não podia fazer nada que ele não gostava, nem sair de casa que ele me xingava, me chamava de burra, gorda, desequilibrada”*.

E ainda: *"Ele não me dava nada, só comida e às vezes ainda cobrava de mim e do meu filho mais velho. Quando eu passei no vestibular as coisas pioraram, ele não comprava mais comida e o dinheiro mal dava para pagar a faculdade. Quando a gente separou ele arrombava a casa, levava minhas compras embora, pegava minhas roupas e quebrava minhas coisas. Ele cortava as minhas roupas, até as minhas havaianas. Eu usava o que os outros me davam e mesmo assim ele achava ruim".*

35

5.2. Categoria sobre o Controle Financeiro

Nesta categoria, quatro mulheres apresentaram queixas relativas ao controle financeiro exercido pelo companheiro. Sendo uma delas com faixa etária entre 26 e 35 anos; uma, entre 36 e 45 anos; e duas, entre 46 e 55 anos, tabela 5.

Tabela 5 - Faixa etária das 4 mulheres da categoria controle financeiro

Variável

Idade	No	%
31	1	25
39	1	25
51	1	25
52	1	25
Soma Total	4	100

Fonte: Elaboração Própria

Todas as mulheres desta categoria apresentaram vinculação de casamento formal e união estável de convivência, ou seja, residem na mesma casa, tabela 6.

Tabela 61 - Estado civil das 4 mulheres da categoria controle financeiro

Variável Estado Civil

Estado Civil	No	%
Casado	2	50,00
União Estável	2	50,00
Soma Total	4	100

Fonte: Elaboração Própria

No que tange à quantidade de filhos, duas mulheres relataram ter 2 filhos e duas mulheres 3 filhos, tabela 7.

Tabela 7 - Quantidade de filhos das 4 mulheres da categoria controle financeiro

Variável Quantidade de Filhos

Quantidade de Filhos	No	%
Dois	2	50
Três	2	50
Soma Total	4	100

Fonte: Elaboração Própria

36

Concernente à independência financeira, todas as mulheres são consideradas independentes financeiramente de seus companheiros, tabela 8.

Tabela 82 - Independência financeira das 4 mulheres da categoria controle financeiro

Variável Independência Financeira No %

Sim 4 100 Soma Total 4 100 Fonte: Elaboração Própria

Tendo em vista que todas as mulheres desta categoria convivem ou em união estável ou em casamento e são independentes financeiramente de seus companheiros, ainda assim estes homens controlam a renda de suas companheiras por não trabalharem e dependerem do dinheiro das mulheres para sobreviver. Ou seja, o homem controla, ainda que não seja independente. Ou talvez, exatamente por não ser independente financeiramente. Vejamos nas falas dessas mulheres:

Participante de 31 anos e 3 filhos: *"Ele pegava todo o meu dinheiro. Às vezes eu ia falar pra ele as coisas que estavam faltando na casa e ele não gostava, me batia"*. Participante de 39 anos e 3 filhos: *"Ele nunca trabalhou, eu sempre trabalhei pra alimentar meus filhos e mesmo assim ele me agredia. Quando eu estava grávida ele me deu chutes na barriga pra eu dar o meu salário pra ele, era sempre assim"*.

Participante de 51 anos e 2 filhos: *"Mesmo quando o relacionamento era à distância eu já percebia traços de machismo nele. Ele não aceitava que eu fosse uma mulher independente e usava princípios religiosos pra isso. Eu disse pra ele que ele me conheceu independente e que se eu quisesse alguém pra cuidar do meu dinheiro e da minha vida eu contratava um administrador e não arrumava um namorado, mas mesmo assim ele controlava tudo, o dinheiro que eu ganhava e com o que eu gastava"*.

Participante de 52 anos e 2 filhos: *"Quando a gente separou ele quis ficar com tudo e me ligava dizendo Não me custa nada eu pegar um avião e ir aí quebrar a sua cara pra você aprender a me obedecer"*.

5.3 Categoria sobre o Controle das Relações Sexuais

Nesta categoria, foram identificadas no discurso de dez mulheres queixas que caracterizam o controle das relações sexuais. Dentre elas, quatro têm idade entre 26 e 35 anos; três, estão entre 36 e 45 anos; duas, entre 46 e 55 anos; e uma, acima de 56 anos, tabela 9.

Tabela 9 - Faixa etária das 10 mulheres da categoria controle das relações sexuais

Variável

Idade	No	%											Soma																
	26	20	33	1	10	35	1	10	37	1	10	41	1	10	45	1	10	47	1	10	50	1	10	56	1	10	Total	10	100

Fonte: Elaboração Própria

Com relação ao estado civil, três afirmaram estar solteiras; quatro casadas e três vivem em união estável, tabela 10.

Tabela 10 - Estado civil das 10 mulheres da categoria controle das relações sexuais

Variável Estado Civil

Estado Civil	No	%				Soma	Total	100			
Solteiro	3	30,00	Casado	4	40,00	União Estável	3	30,00	Soma	10	100

Fonte: Elaboração Própria

Sobre à quantidade de filhos, uma tem 1 filho; cinco, têm 2 filhos; e quatro, têm 3 filhos, tabela 11.

38

Tabela 131 - Quantidade de filhos das 10 mulheres da categoria controle das relações sexuais

Variável	Quantidade de Filhos	No	%				Soma	Total	100			
	Um	1	10	Dois	5	50	Três	4	40	Soma	10	100

Fonte: Elaboração Própria

Quanto à independência financeira, duas mulheres são dependentes do companheiro e oito são independentes, tabela 12.

Tabela 12 - Independência financeira das 10 mulheres da categoria controle das relações sexuais

Variável Independência Financeira No %

Sim 8 80,00 Não 2 20,00 Soma Total 10 100 Fonte: Elaboração Própria

É importante destacar que 80% das mulheres com queixas que apontam para o controle da atividade sexual, 80% são independentes financeiramente. Algumas das queixas relatadas são:

Participante de 33 anos, união estável, independente financeiramente e possui três filhos, afirma: *"Ele ia na minha casa e depois não me deixava mais sair, assim eu acabei engravidando de novo. Quando eu ficava (transava) com ele, ele ficava bom para os meninos, quando eu parava ele também parava de dar as coisas pra eles"*.

Participante de 35 anos, casada, independente financeiramente e tem 2 filhos: *"Eu pego você agora, morta ou viva, ele entrava na minha casa assim que separamos, deitava na cama e ficava como se a casa fosse dele"*.

Participante de 37 anos, solteira, independente financeiramente e possui 2 filhos: *"Depois de 5 meses que a gente separou ele ficava dizendo que eu estava com outro, que eu estava igual uma prostituta e tentou me obrigar a transar com ele"*.

39

Participante de 45 anos, casada, independente financeiramente e possui 2 filhos: *"Eu decidi separar quando ele cortou as minhas calcinhas e sutiãs dizendo que se eu não usasse com ele não ia usar com ninguém. A gente discutia muito porque ele queria dormir comigo (relação sexual) e eu não queria, muitas vezes ele me xingava por isso"*.

5.4 Categoria sobre Violência Explícita

Nesta categoria, identificou-se no discurso de vinte e nove mulheres, queixas que caracterizam a violência explícita. Dentre elas, sete têm idade entre 18 e 25 anos; doze, entre 26 e 35 anos, sete, entre 36 e 45 anos; e três, entre 46 e 55 anos, tabela 13.

Tabela 13 - Faixa etária das 29 mulheres da categoria violência explícita

Variável

Idade No %

18 1 3,45 19 1 3,45 20 1 3,45 22 1 3,45 23 1 3,45 24 1 3,45 25 1 3,45 **26 1 3,45 28 1 3,45 29 3 10,34 30 2 6,90 32 1 3,45 33 2 6,90 34 2 6,90** 36 1 3,45 37 1 3,45 39 2 6,90 41 1 3,45 43 1 3,45 45 1 3,45 47 1 3,45 48 1 3,45 50 1 3,45 Soma Total 29 100 Fonte: Elaboração Própria
40

Com referência ao estado civil, onze afirmaram estar solteiras, oito casadas e dez relataram viver em união estável, tabela 14.

Tabela 14 - Estado civil das 29 mulheres da categoria violência explícita

Variável	Estado Civil	No	%
	Solteiro	11	37,93
	Casado	8	27,59
	União Estável	10	34,48
	Soma Total	29	100

Fonte: Elaboração Própria

No que tange à quantidade de filhos, três mulheres não possuem filhos; quatro, têm 1 filho; dezesseis, possuem 2 filhos; duas, têm 3 filhos; três, 4 filhos; e uma, possui 6 filhos, tabela 15.

Tabela 15 - Quantidade de filhos das 29 mulheres da categoria violência explícita

Variável	Quantidade de Filhos	No	%
	Zero	3	10,34
	Um	4	13,79
	Dois	16	55,17
	Três	2	6,90
	Quatro	3	10,34
	Seis	1	3,45
	Soma Total	29	100

Fonte: Elaboração Própria

Sobre a independência financeira, onze delas dependem financeiramente de seus companheiros e dezoito, são independentes, financeiramente, tabela 16.

Tabela 16 - Independência financeira das 29 mulheres da categoria violência explícita

Variável Independência Financeira No %

Sim 18 62,07 Não 11 37,93 Soma Total 29 100 Fonte: Elaboração Própria

Dentre as mulheres com queixas nesta categoria, nove delas possuem um filho ou mais e não tem independência financeira do companheiro. Segundo Santos e Moré (2011) o que, possivelmente, mantém a mulher na relação de violência física, psicológica e/ou moral, pode ser o desejo de proteger os filhos, aliado à crença na incapacidade de viver sem o companheiro, e a fatores como o desemprego e o despreparo para o mercado de trabalho.

Isso fica claro na queixa de uma participante de 43 anos, solteira, com 6 filhos: *"Ele queria que eu fosse totalmente dependente dele, não podia trabalhar, só viver pra ele, não podia ter liberdade, ele vivia me controlando, tudo ele tinha que saber, com quem eu conversava, tudo ele queria saber"*.

Em contrapartida, uma participante de 34 anos, solteira, sem filhos, independente financeiramente e, ainda assim, mantém-se na relação de violência. Uma das queixas apresentadas por ela foi: *"Eu denunciei porque eu estava saindo de casa e ele não quis deixar, disse que eu estava indo encontrar outro homem e que eu era dele. Ele sempre foi muito ciumento e controlador, começou me xingando, depois me empurrando e me agredindo"*.

Torna-se relevante destacar que, nesta categoria configura-se a violência de gênero nas queixas de 10 mulheres. As ameaças de morte são explícitas e o medo que o companheiro cumpra as ameaças neutraliza qualquer ação de sair da relação

de danos físicos e psicológicos. Elas estão na faixa etária entre 18 e 41 anos. O Quadro 3 mostra as queixas sobre as ameaças de morte proferidas pelo seu companheiro. Neste contexto, Ferrari e Vecina (2002), explicam que mulheres subjugadas em um processo histórico de relações violentas se calam por medo que um ato mais grave ocorra contra elas, já que a probabilidade de uma agressão mais severa, que pode levar ao homicídio, aumenta quando a mulher decide abandonar o relacionamento.

42

Quadro 3 - Queixas que caracterizam a Violência de Gênero

Fonte: Elaboração Própria

Categoria: Violência Explícita Participantes Idade Estado

Civil Filhos Independência

Financeira Queixas

4

"Ele me fez sair do trabalho pra trabalhar junto com 18 Solteira Não Não ele porque tinha ciúmes. Se ele me visse andando com alguém na rua dizia que ia me matar".

20 União

Estável Sim Não

"Confiei nele e ele tentou me matar, de repente pegou uma faca e tentou me matar, ele ficava louco de ciúmes sem motivo".

22 Casada Sim Sim

"Tenho medo da reação dele caso eu me relacione com outro, ele é ignorante e diz que se me ver com outra pessoa vai me matar".

23 Solteira Não Não

"Durante o namoro ele dizia "Se você me trair eu te mato". Ele começou a me perseguir pra saber se eu tinha outro, chegou ao ponto que ele começou a parar as pessoas no meio do trânsito para bater pensando que fosse algum namorado meu".

3

"Ele me liga e faz ameaças caso eu esteja com outro

29 União

estável Sim homem. Por mensagem diz que me ama e que quer

Não

voltar, não me ameaça porque sabe que eu vou fazer outro BO. Eu mudo de celular, ele descobre e me liga dizendo "Sua otária vou aí te matar".

30 União

Estável Sim Sim

"Eu fiz o BO porque ele me ameaçou de morte se eu arrumasse outro, era agressivo então eu preferi sair de casa. Ele sempre foi muito grosso, conquistava as pessoas fora de casa e dentro afastava a gente. Ele não gostava de me ver descansando sempre me mandava caçar alguma coisa pra fazer, eu era a empregada dele. Ele estava mais interessado na minha mão de obra porque a gente estava conquistando as coisas. Ele não tinha mais carinho comigo, não sabia mais pedir desculpas e me traia".

34 Solteira Não Sim "Se eu te ver com outro eu te mato lá no salão! Você é minha".

3

"Eu estava em outro relacionamento e ele me 36 Casada Sim Sim ameaçava de morte, destruía as minhas coisas. Ele começou a me perturbar quando descobriu".

39 União

Estável Sim Sim

"Ele começou a ficar estranho, me acusava de estar traindo ele com meu primo. Ele começou a me ameaçar dizendo que ia me torturar me matar e beber meu sangue".

41 Casada Sim Sim

"Ele me ameaçava muito que se caso eu separasse ele faria algo comigo. Ele sempre foi muito ciumento, ele podia tudo, não me respeitava e não respeitava nenhuma mulher. Ele ia pra praia e eu não podia sair de casa porque se ele chegasse e eu estivesse na casa da vizinha ele trancava a porta da casa e não me deixava entrar".

43

Devido à preocupação em vivenciar uma agressão ainda maior, mulheres que são agredidas pelo próprio companheiro dentro do ambiente familiar, tendem a minimizar as agressões sofridas menosprezando o problema e, verbalizam a hipótese de que o companheiro não seja tão violento quanto parece. Simultaneamente, estas mulheres experimentam a vergonha, culpa e baixa autoestima por vivenciarem este tipo de situação, além do medo de ficarem sozinhas, o que as faz se isolar de seus contatos sociais restringindo-se ao ambiente doméstico, tornando-se mais prisioneiras desta relação violenta e fortalecendo ainda mais a posição de domínio do agressor, devido à perda da rede de apoio social.

Entendendo que a violência ocorre em ciclos, dentro ou fora do contexto doméstico, e que muitas vezes se repetem em uma espiral de agravamentos das violências perpetradas, as ameaças de morte e ocorrência do homicídio pode se dar como resultante de uma crise em que uma agressão mais severa resultou na morte

de um dos cônjuges (Cerqueira, Matos, Martins e Pinto, 2015). Os autores comentam que a criação da Lei Maria da Penha influenciou nas taxas de homicídios ocasionados por questões domésticas e de gênero, ainda que o objetivo da lei não seja este.

Alguns possíveis motivos que mantêm as mulheres na situação de violência, segundo o Ministério da Saúde (2002), são:

- História familiar na qual havia agressão entre os pais ou pessoas próximas a elas;
 - Ela mesma ter sido vítima de violência física, negligência ou abuso sexual, entre outros, quando criança ou adolescente;
 - O uso do casamento como forma de sair de casa;
 - O desejo de proteção, a dependência e a estabilidade no casamento;
 - A crença na mudança de atitude do marido/companheiro;
 - A crença na incapacidade de viver sem o marido/companheiro e sem um pai para os filhos;
 - A não responsabilização do marido/companheiro ao atribuir a fatores externos (como desemprego, uso de drogas, etc.);
 - O comportamento agressivo exibido por ele;
 - A exagerada valorização de atributos apresentados pelo marido/companheiro como o fato de ser trabalhador e bom pai, como forma de amenizar a violência exercida contra ela;
- 44
- O medo de, com a separação, perder a guarda dos filhos ou ter que sair de casa;
 - A falta de apoio da família e de uma rede social eficiente.

No cruzamento das variáveis personológicas com a categorização das queixas, destaram-se as falas sobre a violência explícita. O quadro 3 permite a visualização das queixas que podem proporcionar alguns direcionamentos mais convincentes.

Dez participantes com incidência na faixa etária entre 18 e 41 anos, período eminentemente produtivo, profissionalmente, relataram terem sido ameaçadas de morte por seus companheiros. Chama a atenção o fato de uma delas ter 18 anos, ser solteira, sem filhos e dependente financeiramente. Com a agravante de ter sido obrigada pelo companheiro a deixar o emprego.

Outra participante de 41 anos, casada, dois filhos e independente financeiramente, vai mais longe em suas queixas quando percebe que o companheiro não a respeita, tampouco respeita qualquer outra mulher. A ameaça subliminar fica explícita com a fala de uma participante de 34 anos, solteira, sem filhos e independente financeiramente, que também registra queixas de ameaças de morte proferidas pelo companheiro.

De acordo com dos resultados apresentados, foi possível desenhar o perfil da mulher vítima de violência, entendendo que em sua maioria elas estão entre a faixa etária de 25 a 36 anos, tem uma relação de casamento ou união estável com o companheiro, possuem filhos e tem independência financeira. Os discursos trazidos pelas mulheres atendidas pela Equipe Multidisciplinar da Vara Especializada no Combate a Violência de Doméstica e Familiar Contra a Mulher, do fórum de Palmas-TO, selecionados para este estudo, foram de fundamental importância para chamar atenção para o discurso das mulheres vítimas de violência física e/ou psicológica, para que seja possível perceber o que está por trás da permanência destas mulheres na relação danosa. Seguem as considerações finais acerca desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das queixas encontradas no discurso das mulheres participantes desta pesquisa, pode-se constatar que a violência contra a mulher ocorre recursivamente, repetindo-se em espiral de agressões cada vez mais graves, chegando muitas vezes às ameaças de morte e ao homicídio de um dos cônjuges. Assim, o discurso das mulheres pesquisadas neste estudo, confirma que o medo de que as agressões proferidas por seus companheiros se tornem cada vez maiores e severas, pode ser considerado como o fator preponderante para manter a mulher na relação de violência, sobressaindo-se muitas vezes ao desejo de proteção, à dependência e a estabilidade no casamento; a crença na mudança de atitude do companheiro incapacidade de viver sem ele e sem um pai para os filhos; a desresponsabilização do companheiro ao atribuir a fatores externos como desemprego, uso de drogas e outros; a exagerada valorização de atributos apresentados pelo companheiro como o fato de ser trabalhador e bom pai; o medo de, com a separação, perder a guarda dos filhos ou ter que sair de casa; e a falta de apoio da família e de uma rede social. A partir da breve compreensão dos resultados deste estudo, entende-se que os dados levantados precisam ser contextualizados e compreendidos como uma pesquisa qualitativa. Deste modo a representatividade desta pesquisa está nos significados das queixas trazidas por este grupo de mulheres selecionadas entre as tantas atendidas pela equipe multidisciplinar da Vara Especializada no Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher.

Concomitantemente, deve-se ter em conta que o estudou tratou das falas de mulheres que vivem em um contexto sociocultural da região centro/norte do Brasil, com valores decorrentes do processo histórico social de diversas culturas que ali

convergem. Portanto, é importante registrar que as análises propostas a partir das queixas descritas, devem ser consideradas dentro do referido contexto, uma vez que as estratégias de enfrentamento e expressões de violência de gênero contra a mulher são específicas desta região.

Levando-se em conta que todos os agressores são identificados neste estudo como companheiros das mulheres vítimas de violência, entende-se que a violência de gênero deve estar sob cuidado das políticas públicas de prevenção da violência contra a mulher, não só nesta região, como no Brasil todo, para que esta construção histórica social da superioridade dos homens perante as mulheres, seja cada vez melhor, desarticulada. A transgeracionalidade da violência e os impactos da agressão contra

46

a mulher causados dentro do âmbito familiar também devem estar sob alerta, chamando atenção para a necessidade os danos causados nas pessoas próximas à mulher que sofre violência.

Apesar das peculiaridades desta pesquisa considera-se que os resultados podem ser acrescentados ao campo do conhecimento já consolidado, visto que evidencia indicadores de violência a partir do discurso da mulher queixosa. Sabe-se que ela, muitas vezes, permanece na relação de danos físicos e psicológicos pelo despreparo dos profissionais envolvidos para lidar com as inúmeras facetas da violência contra a mulher. A relevância em aprofundar os estudos sobre as formas sutis em que se manifesta a violência de gênero e as formas pelas quais ela pode ser identificada nas queixas e falas da mulher vitimizada pode ser um caminho promissor para desconstruir a cultura de hegemonia de um parceiro sobre o outro, em uma relação que deveria ser de igualdade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Gênero e violência contra a mulher**: o perigoso jogo de poder e dominação. *Psicol. Am. Lat.*, México, no. 14, out. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 abr. 2015.

ARAÚJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Ceciliato. **Gênero e Violência**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004, 164 p.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1994, p.32.

AZEVEDO, Maria Amélia de. **Mulheres espancadas**: a violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1985.

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, RJ, 2002. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646>. Acesso em: 05 abr. 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo como subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAREGNATO, Rita CatalinaAquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa**: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo. Porto Alegre, RS, 13 out. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 15mar. 2015.

CERQUEIRA, Daniel et al. Avaliando a Efetividade da lei Maria da Penha. **Instituto de Pesquisa Aplicada - Ipea: Texto para discussão**, Rio de Janeiro, v. 2048, p.1- 44, mar. 2015.

DINIZ, Normélia Maria Freire et al. **Violência Conjugal**: vivências expressas em discursos masculinos. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/10.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

FERRARI, Dalka; VECINA, Tereza. **O Fim do Silêncio na Violência Familiar**:

Teoria e Prática. São Paulo: Ágora, 2002.

FISHER, Helen. **Anatomia do Amor**: A História Natural da Monogamia, do Adultério e do Divórcio. Rio de Janeiro: Eureka, 1992, 430 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.a., 2002. 175 p. Disponível em:

<https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2015.

GOMES, Nadielene Pereira et al. **Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração**. Acta paul. enferm., São Paulo, vo.20, no. 4, Dec.

48

2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000400020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Abr.2015.

GROSSI, Miriam Pillar. Rimando Amor e Dor: **Reflexões sobre a Violência no Vínculo Afetivo-Conjugal**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino**: Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010, 287 p.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. **A Concepção de Família de uma Mulher-Mãe Vítimas de Incesto**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2006.

NORONHA, Valéria dos Santos. **Violência de Gênero**: Uma Questão de Saúde Pública. 2005. Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.sbsociologia.com.br%2Fportal%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D1271%26Itemid%3D171&ei=0sIhVfXICuS0sASbnICA&usg=AFQjCNGUr7O9nByIKBToF_sCqawDDMzMvQ&sig2=zrrAWzsw_nkXLJh0lnCpPg&bvm=bv.89947451,d.cWc>. Acesso em: 04 abr. 2015.

OLIVEIRA, Glaucia Fontes de. Violência de gênero e a lei Maria da Penha. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 06 out. 2010. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.29209>>. Acesso em: 13 mai. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde in ETIENNE e DAHLBERG**. Genebra-OMS-2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/65818661/Relatorio-Mundial-sobre-violencia-e-saude#scribd>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero: Poder e Impotência**. Rio de Janeiro, RJ, 1995.

SANTOS, Ana Cláudia Wendt dos; MOREÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Impacto da Violência no Sistema Familiar de Mulheres Vítimas de Agressão. **Psicologia Ciência e Profissão**, Santa Catarina, p.220-234, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932011000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 ago. 2015.

SENADO, Agência (Org.). **Brasileiras sabem da Lei Maria da Penha, mas violência contra as mulheres persiste**. 2015. Disponível em: <<http://www.ariquemesonline.com.br/noticia.asp?cod=296946&codDep=30>>. Acesso em: 02 set. 2015.

49

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, jul/dez/1995.

SOUZA, Patrícia Alves de; ROS, Marco Aurélio da. **Os Motivos que Mantêm as Mulheres Vítimas de Violência no Relacionamento Violento**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 40, p.509-527, out. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/17670/16234>>. Acesso em: 01 set. 2015.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O Que é Violência contra a Mulher**. São Paulo, Brasiliense, 2002, p.18.

50

APÊNDICES

51

APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil Quantidade de filhos Independência

Financeira

Controle Controle

da Financeiro

autonomia social

Controladas relações sexuais

Violência Explícita

Legenda Queixa

1

Idade 18-25 26-35 36-45 46-55 Acima de 55

Legendas 1 2 3 4 5

Estado Civil Solteiro Casado União Estável Divorciado

Legendas 1 2 3 4

Quantidade de

filhos Zero Um Dois Três Cinco Acima de 5

Legendas 0 1 2 3 5 6

Independência

Financeira Sim Não

Legendas 1 2

52

APÊNDICE B – Coleta de Dados

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Controle Quantidade

Controle

Controle da de filhos

Financeiro

autonomia social

das relações

Violência Explícita

sexuais Legendas Queixas

1 1 2 2

"Tenho medo da reação dele caso eu me relacione com outro, ele é ignorante e diz que se me ver com outra pessoa vai me matar".

2 1 3 2

"Confiei nele e ele tentou me matar, de repente pegou uma faca e tentou me matar, ele ficava louco de ciúmes sem motivo".

3 2 3 4

"Ele me liga e faz ameaças caso eu esteja com outro homem. Por mensagem diz que me ama e que quer voltar, não me ameaça porque sabe que eu vou fazer outro BO. Eu mudo de celular, ele descobre e me liga dizendo "Sua otária vou aí te matar"".

4 1 2 1

"Eu queria fazer faculdade, mas ele disse que não poderia pagar, quando eu entrei no projeto Mais Educação e consegui uma bolsa as brigas aumentaram e ele dizia pra eu parar de estudar pra cuidar direito da casa e do nosso filho".

5 2 1 2

"Em um evento da faculdade eu fui deixar meus amigos em casa e ele rastreou a minha rota e chegando em casa me agrediu. Ele é muito ciumento e quase não me deixa sair com meus colegas".

53

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Quantidade

Controle de filhos Controle Financeiro

da autonomia social

Controle das relações sexuais Violência Explícita

Legendas Queixas

6 4 3 2

"Ele sempre foi muito ciumento, olhava as minhas calcinhas pra ver se eu não estava com outro homem".

7 2 3 3

"Ele não me deixava sair e brigava quando eu pegava o carro, tinha ciúmes demais".

8 2 3 3

"Ele ia na minha casa e depois não me deixava mais sair, assim eu acabei engravidando de novo. Quando eu ficava (transava) com ele, ele ficava bom para os meninos, quando eu parava ele também parava de dar as coisas pra eles".

"Ele liga, me chama de vagabunda e diz que não vai pegar os meninos que essa é a minha função".

9 3 2 2

"Eu estava em outro relacionamento e ele me ameaçava de morte, destruía as minhas coisas. Ele começou a me perturbar quando descobriu".

10 2 3 4

"Eu fiz o BO porque ele me ameaçou de morte se eu arrumasse outro, era agressivo então eu preferi sair de casa. Ele sempre foi muito grosso, conquistava as pessoas fora de casa e dentro afastava a gente. Ele não gostava de me ver descansando sempre me mandava caçar alguma coisa pra fazer, eu era a empregada dele. Ele estava mais interessado na minha mão de obra porque a gente estava conquistando as coisas. Ele não tinha mais carinho comigo, não sabia mais pedir desculpas e me traía".

54

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Controle Quantidade

Controle de filhos

Financeiro

Controle da autonomia

das social

relações

Violência Explícita

sexuais Legendas Queixas

13 4 2 2

"Quando a gente separou ele quis ficar com tudo e me ligava dizendo "Não me custa nada eu pegar um avião e ir aí quebrar a sua cara pra você aprender a me obedecer".

"Ele só conversava comigo me ameaçando, era autoritário, e não me deixava tomar decisão em nada, nem nas comprar das minhas roupas. Ele controlava tudo".

14 2 2 2

"Teve uma vez que a gente estava indo levar a nossa filha ao médico aí ele viu um carro parado na frente de casa e achou que era outro homem. Toda vez que ele desconfiava de traição ele me agredia, ele já me bateu na porta de casa, na frente das minhas filhas".

15 2 2 2

"Ele não ajudava nas despesas da casa e quando eu arrumava um emprego ele não me deixava ir, me ameaçava e dizia que ia colocar fogo na casa se eu saísse".

16 2 4 3

"Ele não me dava nada, só comida e às vezes ainda cobrava de mim e do meu filho mais velho. Quando eu passei no vestibular as coisas piorara, ele não comprava mais comida e o dinheiro mal dava pra pagar a faculdade. Quando a gente separou ele arrombava a casa, levava minhas compras embora, pegava minhas roupas e quebrava minhas coisas. Ele cortava as minhas roupas, até as minhas havaianas. Eu usava o que os outros me davam e mesmo assim ele achava ruim".

"Ele me agredia na cabeça pra não deixar marcas, enfiava o dedo na minha vagina pra saber se eu tinha transado com outro e olhava as minhas calcinhas também".

17 3 2 3

"Ele nunca trabalhou, eu sempre trabalhei pra alimentar meus filhos e mesmo assim ele me agredia. Quando eu estava grávida ele me deu chutes na barriga pra eu dar o meu salário pra ele, era sempre assim".

55

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Quantidade de filhos

Controle Financeiro

Controle da autonomia social

Controle das relações sexuais Violência Explícita

Legendas Queixas

18 1 1 0

"Ele me fez sair do trabalho pra trabalhar junto com ele porque tinha ciúmes. Se ele me visse andando com alguém na rua dizia que ia me matar".

19 2 1 3

"Ele não me deixava tomar remédio e assim eu engravidei de novo".

20 1 1 1

"Quando a gente estava junto ele não me deixava trabalhar, dizia que eu tinha que cuidar do nosso filho, mas ficava jogando na minha cara que tinha que me dar as coisas e me agredia por isso".

21 1 1 1

"Eu não podia nem sair o bebê para passear ou com a minha irmã que ele brigava. Ele olhava meu celular e não gostava da minha irmã porque ele é solteira. Uma vez eu estava na praia com a minha filha e quando cheguei em casa ele me bateu com o capacete porque atrasei".

22 2 3 2

"Ele me ameaçava, dizia que eu tinha que ser dele. Um dia ele me deixou toda cheia de sangue e meu filho de 15 anos disse que iria matar o pai. Ele me encontrava na rua, quebrava o meu celular e me xingava. Ele só me trata mal, fica me xingando, mexe com o meu psicológico".

23 3 1 4

"A gente não brigava muito, mas com o tempo ele começou a me ameaçar de morte quando eu fazia algo que ele não gostava como sair de casa".

24 5 2 2

"Ele é muito violento e me pega a força para namorar (Relação sexual). Ele tem força demais, é muito violento e diz que só vai sair de casa quando ele quiser".

56

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Quantidade de filhos

Controle Financeiro

Controle da autonomia social

Controle das relações

sexuais Violência Explícita

Legendas Queixas

25 2 1 1

"Ele começou a ligar pra mim, me ameaçar de morte, ligava para o meu atual namorado e pra minha filha fazendo ameaças. Ele também ia até a minha casa e colocava super bonder no cadeado para eu não sair, mas a gente já tinha terminado".

26 2 1 0

"Se eu te ver com outro eu te mato lá no salão! Você é minha"

27 2 3 2

"Era bom, depois ele não gostava que eu saísse de casa nem com os meninos".

28 3 2 2

"Ele me ameaçava muito que se caso eu separasse ele faria algo comigo" "Ele sempre foi muito ciumento, ele podia tudo, não me respeitava e não respeitava nenhuma mulher. Ele ia pra praia e eu não podia sair de casa porque se ele chegasse e eu estivesse na casa da vizinha ele trancava a porta da casa e não deixava entrar".

29 2 2 1

"Ele me obrigava a fazer os serviços domésticos mesmo se eu não quisesse. Ele dizia que eu que devia cuidar da casa enquanto ele ficava deitado".

30 1 3 1

"Ele me agredia muito enquanto estava grávida, eu não sabia o motivo, ele chegava me agredindo dizendo que eu não tinha arrumado a casa direito, eu explicava que não conseguia porque estava grávida mas mesmo assim ele me batia".

"Ele me proibia de trabalhar, de passear, perdi meus amigos por causa dele. Ele ia à casa das minhas amigas para saber o que a gente tinha conversado".

31 1 1 2

"Ele me agredia quando eu não o deixava olhar as mensagens do meu celular".

57

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Quantidade

Controle de filhos

Controle Financeiro

Controle da autonomia social

das relações

Violência Explícita sexuais Legendas Queixas

32 4 1 2

"Depois que a gente casou ele não me deixou mais trabalhar fora e me agredia quando eu dizia algo que ele não gostava".

33 1 1 3

"Eu estava na casa de um tio e ele chegou bêbado mandando ir pra casa, eu disse que não ia, ele começou a dizer que ia me matar, foi embora e queimou as minhas roupas".

34 4 1 2

"Eu não queria casar, ele me tratava como posse, mandava até nas relações sexuais, era só quando ele queria e se eu não quisesse ele me xingava".

"Ele me viu no mercado conversando com um conhecido e ficou doido, comprou álcool jogou dentro da minha casa e me ligou dizendo que se eu não chegasse lá naquele momento ele iria tacar fogo".

35 3 2 2

"Se eu o contrariasse de qualquer maneira ele quebrava celular, notebook e eu que tinha que comprar depois. Eu fui para um evento do trabalho e quando cheguei em casa ele rasgou meu vestido e disse que eu estava com outro".

36 1 1 1

"Eu denunciei porque eu estava saindo de casa e ele não quis deixar, disse que eu estava indo encontrar outro homem. Ele sempre foi muito ciumento e controlador, começou me xingando, depois me empurrando e me agredindo".

37 1 3 1

"Ele sempre foi muito ciumento, não me deixava trabalhar achando que eu ia traí-lo ele me tratava como posse".

38 2 1 2

"Ele não me deixava falar com ninguém, já quebrou um dente meu pra eu aprender a lição".

58

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Quantidade de filhos
Controle Financeiro
Controle da autonomia social

Controle sexuais das relações

Violência Explícita

Legendas Queixas

39 1 3 3

"Ele pegava todo o meu dinheiro. Às vezes eu ia falar pra ele as coisas que estavam faltando na casa e ele não gostava, me batia".

40 1 1 0

"Durante o namoro ele dizia "Se você me trair eu te mato". Ele começou a me perseguir pra saber se eu tinha outro, chegou ao ponto que ele começou a parar as pessoas no meio do trânsito para bater pensando que fosse algum namorado meu".

41 2 3 1

"Não me deixa mais ir nem na casa da minha tia, me tranca em casa e pega o meu celular, me ameaça que se eu disse pra alguém ele me mata".

"Antes a gente brigava porque ele saía muito agora a gente briga porque eu não falo mais nada e ele acha que eu tenho outro".

42 4 2 5

"Ele regulava os meus horários para chegar em casa, dizia que eu namorava com outros no meu trabalho, depois de um tempo começou a me seguir e vigiar sempre que eu saía".

43 3 1 2

"Ele reclamava que eu não ficava mais com ele (não tinha relações sexuais) porque ele dizia que eu tinha outro, não entendia que era porque eu estava chateada, então ele me xingava e ficava olhando as minhas calcinhas quando chegava em casa para ver se eu tinha

59

transado com outro homem".

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Quantidade

de filhos Controle da

Controle Financeiro

autonomia social

Controle relações sexuais

das

Violência Explícita

Legendas Queixas

44 4 3 2

"Mesmo quando o relacionamento era à distância eu já percebia traços de machismo nele. Ele não aceitava que eu fosse uma mulher independente e usava princípios religiosos pra isso. Eu disse pra ele que ele me conheceu independente e que se eu quisesse alguém pra cuidar do meu dinheiro e da minha vida eu contratava um administrador e não arrumava um namorado, mas mesmo assim ele controlava tudo, o dinheiro que eu ganhava e com o que eu gastava".

45 2 1 4

"Ele não queria que eu entrasse na empresa que estou trabalhando porque eu tenho colegas homens e por isso ele fica me

xingando".

46 3 3 4

"Ele me obrigava a trabalhar em casa, não me deixava trabalhar na rua e dizia que mulher que trabalhava fora não prestava que ia arrumar macho. Eu queria separar, mas ele não deixava".

47 2 3 1

"Mesmo a gente separado ele entrava dentro da casa com a desculpa de ver o nosso filho, depois entrava no meu quarto, deitava na

60

cama e solicitava que a gente dormisse junto, me obrigava e eu não podia obrigá-lo a sair ou gritar por causa do nosso filho".

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Quantidade de filhos

Controle Financeiro

Controle da autonomia social

Controle das relações sexuais Violência Explícita

Legendas Queixas

48 3 1 6

"Eu tive que parar de trabalhar porque todos os dias quando eu chegava ele ficava dizendo "Saiu com quantos hoje"? Foi para o motel com quantos?", sempre achando que eu o traía, até que ele conseguiu me tirar do emprego que eu tanto gostava. Ele não gostava que eu trabalhasse fora, por ele eu não tinha amigos ou vizinhos, era só eu e ele. Um certo tempo eu cheguei a me afastar dos outros, mas depois enxerguei que não me fazia bem e voltei a me aproximar das pessoas".

"Ele queria que eu fosse totalmente dependente dele, não podia trabalhar, só viver pra ele, não podia ter liberdade, ele vivia me controlando, tudo ele tinha que saber, com quem eu conversava, tudo ele queria saber".

49 3 2 2

"Eu decidi separar quando ele cortou as minhas calcinhas e sutiãs dizendo que se eu não usasse com ele não ia usar com ninguém. A gente discutia muito porque ele queria dormir comigo (relação sexual) e eu não queria, muitas vezes ele me xingava por isso".

"Ele era controlador demais, me vigiava, olhava até a quilometragem do carro pra saber até onde eu tinha ido".

50 4 3 3

"Quem me protegia dele era meu filho mais velho, quando ele queria me obrigar a dormir com ele (Relação sexual) meu filho me levava pra dormir na cama dele".

61

51 3 2 3

"Eu estava grávida e não podia ter relações sexuais porque a gravidez era de risco, mas ele me obrigava, por isso perdi o bebê, fiquei muito depressiva depois disso".

Instrumento de Coleta de Dados

Participante

"Eu não podia fazer nada que ele não gostava, nem sair de casa que ele me xingava, me chamava de burra, gorda, desequilibrada".

Perfil do Participante Categorias

Idade Estado

civil

Controle Quantidade

Controle

Controle da
das de filhos

Financeiro

autonomia social

relações

Violência Explícita
sexuais Legendas Queixas
52 2 1 2

"Agora eu estou bem melhor, antes eu tinha que medir qualquer coisa que eu falava perto dele e para ele. Sabe aquele tipo de pessoa que explode por qualquer besteira?! Qualquer coisa que ele não gosta é motivo de vir e te agredir?!".

53 2 3 4

"Ele não me deixa sair, nem receber ninguém dentro de casa. Ele é ignorante, agressivo, me chama de vagabunda e me xinga".

54 3 3 2

"Ele começou a ficar estranho, me acusava de estar traindo ele com meu primo. Ele começou a me ameaçar dizendo que ia me torturar me matar e beber meu sangue".

Idade 18-25 26-35 36-45 46-55 Acima de 55 Legendas 1 2 3 4 5

Estado Civil Solteiro Casado Estável

União

Legendas 1 2 3

62

Quantidade de filhos Zero Um Dois Três Cinco Acima de 5

Legendas 0 1 2 3 5 6

Independência Financeira Sim Não

Legendas 1 2

63

APÊNDICE C – Categoria Controle da Autonomia Social

Etária Faixa

Participantes Idade Estado

Civil Filhos Independência

Financeira Categoria Queixas

18-25 Anos 5-11

"Ele me agredia muito enquanto estava grávida, eu não sabia o motivo, ele chegava me agredindo dizendo que eu não tinha arrumado a casa direito, eu explicava que não conseguia porque estava grávida mas mesmo assim ele me batia".

21 União

estável 1 Sim

Controle da

19 Casado 1 Não

Autonomia

Social

"Quando a gente estava junto ele não me deixava trabalhar, dizia que eu tinha que cuidar do nosso filho, mas ficava jogando na minha cara que tinha que me dar as coisas e me agredia por isso".

22 Casado 1 Não

Controle da

Autonomia

Social

Controle da

Autonomia

Social

"Ele sempre foi muito ciumento, não me deixava trabalhar achando que eu ia traí-lo ele me tratava como posse"

23 União

estável 3 Não

"Eu estava na casa de um tio e ele chegou bêbado me mandando ir pra casa, eu disse que não ia, ele começou a dizer que ia me matar, foi embora e queimou as minhas roupas".

24 Casado 1 Sim

Controle da

Autonomia

Social

"Em um evento da faculdade eu fui deixar meus amigos em casa e ele rastreou a minha rota e chegando em casa me agrediu. Ele é muito ciumento e quase não me deixa sair com meus colegas".

26-35 Anos 9-23

Controle da

Autonomia

Social

"Ele me obrigava a fazer os serviços domésticos mesmo se eu não quisesse. Ele dizia que eu que devia cuidar da casa enquanto ele ficava deitado".

28 Solteiro 2 Sim

Controle da

27 Casado 1 Sim

Autonomia

Social

"Em um evento da faculdade eu fui deixar meus amigos em casa e ele rastreou a minha rota e chegando em casa me agrediu. Ele é muito ciumento e quase não me deixa sair com meus colegas".

28 União

estável 3 Sim

Controle da
Autonomia
Social

Controle da
Autonomia
Social

"Ele não me deixava sair e brigava quando eu pegava o carro, tinha ciúmes demais".

29 União

estável 1 Sim

Controle Autonomia
Social
da

"Não me deixa mais ir nem na casa da minha tia, me tranca em casa e pega o meu celular, me ameaça que se eu disser pra alguém ele me mata".

64

30 União

estável 4 Não

"Ele não me deixa sair, nem receber ninguém dentro de casa. Ele é ignorante, agressivo, me chama de vagabunda e me xinga".

32 Casado 2 Sim

Controle da
Autonomia
Social

"Ele não ajudava nas despesas da casa e quando eu arrumava um emprego ele não me deixava ir, me ameaçava e dizia que ia colocar fogo na casa se eu saísse".

32 Solteiro 1 Não

Controle da
Autonomia
Social

"Ele começou a ligar pra mim, me ameaçar de morte, ligava para o meu atual

namorado e pra minha filha fazendo ameaças. Ele também ia até a minha casa e colocava super bonder no cadeado para eu não sair, mas a gente já tinha terminado".

33 Casado 3 Sim

Controle da
Autonomia
Social

"Ele não me dava nada, só comida e às vezes ainda cobrava de mim e do meu filho mais velho. Quando eu passei no vestibular as coisas pioraram, ele não comprava mais comida e o dinheiro mal dava pra pagar a faculdade. Quando a gente separou ele arrombava a casa, levava minhas compras embora, pegava minhas roupas e quebrava minhas coisas. Ele cortava as minhas roupas, até as minhas havaianas. Eu usava o que os outros me davam e mesmo assim ele achava ruim".

35 Solteiro 4 Sim

Controle da
Autonomia
Social

"Ele não queria que eu entrasse na empresa que estou trabalhando porque eu tenho colegas homens e por isso ele fica me xingando".

36-45 Anos ⁴⁻¹²

Controle da
Autonomia
Social

"A gente não brigava muito mas com o tempo ele começou a me ameaçar de morte quando eu fazia algo que ele não gostava como sair de casa".

38 União

estável ⁴ Não

Controle da
37 Solteiro 4 Sim
Autonomia
Social

"Ele me obrigava a trabalhar em casa, não me deixava trabalhar na rua e dizia que mulher que trabalhava fora não prestava, que ia arrumar macho. Eu queria separar

mas ele não deixava".

41 Casado 3 Sim

Controle da

Autonomia

Social

Controle da

Autonomia

Social

"Eu não podia fazer nada que ele não gostava, nem sair de casa que ele me

65

trabalhasse fora, por ele eu não tinha

xingava, me chamava de burra, gorda, desequilibrada".

Socia

43 Solteiro 6 Não

tanto gostava. Ele não gostava que eu

Autonomia

Autonomia

46-55 Anos 1-7 50 Casado 5 Sim

Controle da

chegar em casa, dizia que eu namorava

chegar em casa, dizia que eu namorava
"Eu tive que parar de trabalhar porque

Autonomia

todos os dias quando eu chegava ele
com outros no meu trabalho, depois de um
finalizando "Saiu com quantos hoje?"
com outros no meu trabalho, depois de um

Social

"Foi para o motel com quantos?", sempre
tempo começou a me seguir e vigiar
achando que eu o traia, até que ele
tempo começou a me seguir e vigiar

conseguiu me tirar do emprego que eu

Controle da

"Ele regulava os meus horários para

sempre que eu saía".

66

APÊNDICE D – Categoria Controle Financeiro

Etária Faixa

Participantes Idade Estado

Civil Filhos Independência

Financeira Categoria Queixas

26-35 Anos 1-23 31 União

estável 3 Sim Controle

Financeiro

"Ele pegava todo o meu dinheiro. Às vezes eu ia falar pra ele as coisas que estavam faltando na casa e ele não gostava, me batia".

36-45 Anos 1-12 39 Casado 3 Sim Controle

Financeiro

"Ele nunca trabalhou, eu sempre trabalhei pra alimentar meus filhos e mesmo assim ele me agredia. Quando eu estava grávida ele me deu chutes na barriga pra eu dar o meu salário pra ele, era sempre assim".

46-55 Anos 2-7

"Mesmo quando o relacionamento era à distância eu já percebia traços de machismo nele. Ele não aceitava que eu fosse uma mulher independente e usava princípios religiosos pra isso. Eu disse pra

51 União

estável 2 Sim Controle

Financeiro

ele que ele me conheceu independente e que se eu quisesse alguém pra cuidar do meu dinheiro e da minha vida eu contratava um administrador e não arrumava um namorado, mas mesmo assim ele controlava tudo, o dinheiro que eu ganhava e com o que eu gastava".

52 Casado 2 Sim Controle

Financeiro

"Quando a gente separou ele quis ficar com tudo e me ligava dizendo "Não me custa nada eu pegar um avião e ir aí quebrar a sua cara pra você aprender a me obedecer".

67

APÊNDICE E – Categoria Controle das Relações Sexuais

Etária Faixa

Participantes Idade Estado

Civil Filhos Independência

Financeira Categoria Queixas

26-35 Anos 4-23

26 Solteiro 3 Não

Controle das relações sexuais

"Ele não me deixava tomar remédio e assim eu engravidei de novo".

26 União

estável 1 Sim

"Mesmo a gente separado ele entrava dentro da casa com a desculpa de ver o nosso filho, depois entrava no meu quarto, deitava na cama e solicitava que a gente dormisse junto, me obrigava e eu não podia obrigá-lo a sair ou gritar por causa do nosso filho".

33 União

estável 3 Sim

Controle das relações sexuais

"Ele ia na minha casa e depois não me deixava mais sair, assim eu acabei engravidando de novo" "Quando eu ficava (transava) com ele, ele ficava bom para os meninos, quando eu parava ele também parava de dar as coisas pra eles"

35 Casado 2 Sim

Controle das relações sexuais

"Eu pego você agora, morta ou viva, ele entrava na minha casa assim que separamos, deitava na cama e ficava como se a casa fosse dele".

36-45 Anos 3-12

Controle das relações sexuais

"Depois de 5 meses que a gente separou ele ficava dizendo que eu estava com outro, que eu estava igual uma prostituta e tentou me obrigar a transar com ele".

41 Casado 3 Sim

Controle das 37 Solteiro 2 Sim

relações sexuais

"Eu estava grávida e não podia ter relações sexuais porque a gravidez era de risco, mas ele me obrigava, por isso perdi o bebê, fiquei muito depressiva depois disso".

45 Casado 2 Sim

Controle das relações sexuais

"Eu decidi separar quando ele cortou as minhas calcinhas e sutiãs dizendo que se eu não usasse com ele não ia usar com ninguém. A gente discutia muito porque ele queria dormir comigo (relação sexual) e eu não queria, muitas vezes ele me xingava por isso".

46-55 Anos 2-7

Controle das relações sexuais

"Quem me protegia dele era meu filho

47 União

estável³ mais velho, quando ele queria me obrigar a dormir com ele (Relação sexual) meu filho me levava pra dormir na cama dele".

50 Solteiro 2 Sim

Controle das Sim

relações sexuais

"Eu não queria casar, ele me tratava como posse, mandava até nas relações sexuais, era só quando ele queria e se eu não quisesse ele me xingava".

Acima de 55 Anos

Controle das relações sexuais

"Ele é muito violento e me pega a Controle das força para namorar (Relação sexual)" 1-1 56 Casado 2 Não relações

"Ele tem força demais, é muito violento sexuais

e diz que só vai sair de casa quando ele quiser".

68

APÊNDICE F – Categoria Violência Explícita

Faixa Etária **Participantes** **Idade** **Estado Civil** **Filhos** **Independência**

Financeira **Categoria Queixas**

18-25 Anos 7 de 11

"Ele me fez sair do trabalho pra trabalhar

18 Solteiro 0 Não Violência Explícita

junto com ele porque tinha ciúmes. Se ele me visse andando com alguém na rua dizia que ia me matar".

19 Casado 1 Não Violência Explícita

"Ele me proibia de trabalhar, de passear, perdi meus amigos por causa dele. Ele ia na casa das minhas amigas para

saber o que a gente tinha conversado".

20 União estável 2 Não Violência Explícita

"Confiei nele e ele tentou me matar, de repente pegou uma faca e tentou me matar, ele ficava louco de ciúmes sem motivo".

22 Casado 2 Sim Violência Explícita

"Tenho medo da reação dele caso eu me relacione com outro, ele é ignorante e diz que se me ver com outra pessoa vai me matar".

23 Solteiro 0 Não Violência Explícita

"Durante o namoro ele dizia "Se você me trair eu te mato". Ele começou a me perseguir pra saber se eu tinha outro, chegou ao ponto que ele começou a parar as pessoas no meio do trânsito para bater pensando que fosse algum namorado meu".

24 Solteiro 1 Não Violência Explícita

"Eu não podia nem sair com o bebê para passear ou com a minha irmã que ele brigava. Ele olhava meu celular e não gostava da minha irmã porque ela é solteira. Uma vez eu estava na praia com a minha filha e quando cheguei em casa ele me bateu com o capacete porque atrasei".

25 Solteiro 2 Não Violência Explícita

"Ele me agredia quando eu não o deixava olhar as mensagens do meu celular".

26-35 Anos 12 de 23 26 União estável 2 Sim Violência Explícita

"Era bom, depois ele não gostava que eu saísse de casa nem com os meninos".

que eu tenho ouço".

29 União estável 4 Não Violência Explícita

"Ele me liga e faz ameaças caso eu esteja com outro homem. Por mensagem diz que me ama e que quer voltar, não me ameaça porque sabe que eu vou fazer outro BO. Eu mudo de celular, ele descobre e me liga dizendo "Sua otária vou aí te matar"".

28 Casado 2 Sim Violência Explícita

"Teve uma vez que a gente estava indo levar a nossa filha ao médico aí ele viu um carro parado na frente de casa e achou que era outro homem. Toda vez que ele desconfiava de traição ele me agredia, ele já me bateu na porta de casa, na frente das minhas filhas".

29 União estável 1 Sim Violência Explícita

"Antes a gente brigava porque ele saía muito agora a gente briga porque eu não falo mais nada e ele acha

29 Solteiro 2 Sim Violência Explícita

"Agora eu estou bem melhor, antes eu tinha que medir qualquer coisa que eu falava perto dele e para ele. Sabe aquele tipo de pessoa que explode por qualquer

besteira?! Qualquer coisa que ele não gosta é motivo de vir e te agredir?!".

me xingava. Ele só me trata mal, fica me xingando, mexe com o meu psicológico".

32 Solteiro 2 Não ^{Violência} Explícita

"Ele não me deixava falar com ninguém, já quebrou um dente meu pra mim aprender a lição".

30 União estável 4 Sim ^{Violência} Explícita

"Eu fiz o BO porque ele me ameaçou de morte se eu arrumasse outro, era agressivo então eu preferi sair de casa. Ele sempre foi muito grosso, conquistava as pessoas fora de casa e dentro afastava a gente. Ele não gostava de me ver descansando sempre me mandava caçar alguma coisa pra fazer, eu era a empregada dele. Ele estava mais interessado na minha mão de obra porque a gente estava conquistando as coisas. Ele não tinha mais carinho comigo, não sabia mais pedir desculpas e me traia".

33 Casado 3 Sim ^{Violência} Explícita

"Ele me agredia na cabeça pra não deixar marcas, enfiava o dedo na minha vagina pra saber se eu tinha transado com outro e olhava as minhas calcinhas também".

33 União estável 3 Sim ^{Violência} Explícita

"Ele liga, me chama de vagabunda e diz que não vai pegar os meninos que essa é a minha função".

34 Solteiro 0 Sim ^{Violência} Explícita

"Se eu te ver com outro eu te mato lá no salão! Você é minha".

70

34 Solteiro 1 Sim ^{Violência} Explícita

"Eu denunciei porque eu estava saindo de casa e ele não quis deixar, disse que eu estava indo encontrar outro homem e que eu era dele.

Ele sempre foi muito ciumento e controlador, começou me xingando, depois me empurrando e me agredindo".

30 União estável 2 Não ^{Violência} Explícita

"Ele me ameaçava, dizia que eu tinha que ser dele. Um dia ele me deixou toda cheia de sangue e meu filho de 15 anos disse que iria matar o pai. Ele me encontrava na rua, quebrava o meu celular e

36-45 Anos 7-12

39 União estável 4 Sim Violência Explícita
"Eu estava em outro relacionamento e ele me
"Confiei nele e ele tentou me matar, de repente pegou uma faca e tentou me matar, ele ficava louco de ciúmes sem motivo".

Sim Violência Explícita

"Se eu o contrariasse de qualquer maneira ele quebrava celular, notebook e eu que tinha que comprar depois. Eu fui para um evento do trabalho e quando cheguei em casa ele rasgou meu vestido e disse que eu estava com outro".

"Se eu o contrariasse de qualquer maneira ele quebrava celular, notebook e eu que tinha que comprar depois. Eu fui para um evento do trabalho e quando cheguei em casa ele rasgou meu vestido e disse que eu estava com outro".

36 Casado 2 Sim Violência Explícita

ameaçava de morte, destruía as minhas coisas. Ele começou a me perturbar quando descobriu".

39 União estável 2 Sim Violência Explícita
"Ele começou a ficar estranho, me acusava de estar traindo ele com meu primo. Ele começou a me ameaçar dizendo que ia me torturar, me matar e beber meu sangue".

41 casada 2 sim Violência Explícita
"Ele me ameaçava muito que se caso eu separasse ele faria algo comigo" "Ele sempre foi muito ciumento, ele podia tudo, não me respeitava e não respeitava nenhuma mulher. Ele ia pra praia e eu não podia sair de casa porque se ele chegasse e eu estivesse na casa da vizinha ele trancava a porta

da casa e não deixava entrar".

43 solteira 6 não Violência Explícita

"Ele queria que eu fosse totalmente dependente dele, não podia trabalhar, só viver pra ele, não podia ter liberdade, ele vivia me controlando, tudo ele tinha que saber, com quem eu conversava, tudo ele queria saber".

45 casada 2 sim Violência Explícita

"Ele era controlador demais, me vigiava, olhava até a quilometragem do carro pra saber até onde eu tinha ido".

48 solteira 2 não Violência Explícita

"Depois que a gente casou, ele não me deixou mais trabalhar fora e me agredia quando eu dizia algo que ele não gostava"

47 união estável 2 sim Violência Explícita

ciumento, olhava as minhas calcinhas pra ver se eu não estava com outro homem"

46-55 Anos 3-7

50 solteira 2 sim Violência Explícita

"Ele me viu no mercado conversando com um conhecido e ficou doido, comprou álcool jogou dentro da minha casa e me ligou dizendo que se eu não chegasse lá naquele momento ele iria tacar fogo".
Ele sempre foi muito

72

APÊNDICE G – Declaração da Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Eu, Jaci Augusta Neves de Souza, abaixo assinado, pesquisadora responsável envolvida no projeto intitulado: **VIOLÊNCIA DE GÊNERO: relações de poder e dominação reproduzidos no discurso da mulher vítima de violência.** **DECLARO** estar ciente de todos os detalhes inerentes a pesquisa e **COMPROMETO-ME** a acompanhar todo o processo, prezando pela ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS no 466/12 e atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP n o 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa. Também com os relatórios e tramites de encerramento junto ao Comitê de Ética e submissão das publicações, bem como das informações a instituição co-participante.

Palmas, 14 de abril de 2015.

Jaci Augusta Neves de Souza
Psicóloga / Professora do CEULP
CRP: 23/000931

73

APÊNDICE H – Termo de Compromisso de Utilização de Dados

TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS

Nós, Jaci Augusta Neves de Souza e Priscylla Cassol, abaixo assinadas, pesquisadoras envolvidas no projeto de pesquisa – **A VIOLÊNCIA DE GÊNERO REPRODUZIDA NO DISCURSO DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA**, nos comprometemos a manter o sigilo sobre os dados coletados, bem como nos comprometemos com o máximo de benefícios e o mínimo de riscos, garantindo que previsíveis danos serão evitados, assegurando a confidencialidade e a privacidade, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas envolvidas, bem como a privacidade de seus conteúdos, como preconizam os Documentos Internacionais e a Res. CNS no 466/2012.

Será assegurado à instituição responsável pelos dados a serem pesquisados os benefícios resultantes do projeto, comunicando às autoridades competentes, bem como aos órgãos legitimados pelo Controle Social, os resultados e/ou achados da pesquisa, que puderem contribuir para a melhoria das condições de vida dos envolvidos, preservando, porém, sua identidade.

Informamos que os dados a serem coletados dizem respeito à Violência de Gênero, sendo que para operacionalização da coleta de dados, a instituição deverá disponibilizar os relatos e relatórios confeccionados pela equipe multidisciplinar, que serão analisados dentro da sala desta, na presença da Coordenadora da equipe

multidisciplinar da Vara Especializada no Combate a Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, o que ocorrerá em mais de um dia, conforme cronograma pré-determinado institucionalmente.

Ressaltamos que o presente Termo será assinado em duas vias, sendo uma para a instituição e outra para a equipe de pesquisa. Isso se dará após os esclarecimentos necessários ao conhecimento amplo de todos os aspectos da proposta, que foi autorizada pelo responsável pela instituição, coordenadora Veronica

74

Ribeiro Franco Vilela, assim como aprovada sob o CAEE no XXXX do CEP/CEULP.

Pesquisador(a) Responsável: Professor(a) Dra. Jaci Augusta Neves de Souza,
Endereço: 304 Norte, alameda A, QI 10, lote 09, Palmas-TO CEP 77.006-360. Fone:
(63) 9248-3636, e-mail: jacineves@ig.com.br

Acadêmica Pesquisadora: Priscylla Cassol, Endereço: 303 Sul, alameda 09, Qi 13,
lote 21 – Plano Diretor Sul, Palmas-TO CEP 77.015-403 Fones: (63) 3225-5261 ou
(63) 8429-4151, e-mail: priscyllacassol@hotmail.com

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas –
CEP/CEULP:** Endereço: Avenida Teotônio Segurado, no 1501, sala 542, prédio 5,
Palmas - TO CEP 77.019-900. Telefone: (63) 3219-8076. E-mail: etica@ceulp.edu.br

Palmas/TO, 28 de abril de 2015.

Priscylla Cassol Jaci Augusta Neves de Souza Acadêmico(a) Pesquisador(a)
Pesquisador(a) Responsável

Veronica Ribeiro Franco Vilela
Responsável Institucional

75

APÊNDICE I – Autorização de Realização de Pesquisa

Ofício CEULP/ULBRA - Coordenação de Psicologia 2015.

Palmas, 14 de Abril de 2015.

**À Equipe Multidisciplinar da Vara Especializada no Combate a Violência
Doméstica e Familiar Contra a Mulher da Comarca de Palmas/TO**

Att: Veronica Ribeiro Franco Vilela

Coordenadora Equipe Técnica

Assunto: Autorização de realização de pesquisa

MM Coordenadora,

O curso de Psicologia do CEULP/ULBRA, por meio da equipe de pesquisa coordenada pela Professora Dra. Jaci Augusta Neves de Souza, pretende realizar uma pesquisa na cidade de Palmas, junto à instituição Fórum São João da Palma, que presta serviço da equipe multidisciplinar direcionado ao combate de violência doméstica e Familiar contra a mulher.

Ressaltamos que o trabalho objetiva Investigar junto aos relatórios produzidos pela equipe multidisciplinar, como a violência de gênero se manifesta nas relações de poder e dominação, evidenciando tais relações como favorecedoras da violência.

Diante disso, solicitamos autorização para que a acadêmica Priscylla Cassol, devidamente matriculada no curso de Psicologia do CEULP/ULBRA, cursando a disciplina de TCC I e pertencente à equipe de pesquisa, possa realizar a atividade de

76

coleta de dados/informações nesta respeitável instituição, junto aos relatos e relatórios produzidos pela equipe multidisciplinar desta Vara, com o intuito de contemplar os objetivos do projeto de pesquisa proposto.

Esclarecemos que o manuseio dos relatórios durante a coleta de dados será realizado exclusivamente na sala da equipe multidisciplinar, evitando possível exposição dos documentos, como meio de preservar o sigilo das informações.

No caso de Vossa Excelência concordar com o procedimento, deverá ser emitido um documento de autorização, cujo modelo encontra-se em anexo, visto que

necessita conter informações preconizadas pela Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. Esse documento será apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, que procederá a análise ética dos termos da proposta de pesquisa, sendo que a equipe se comprometerá com todas as prerrogativas éticas e técnicas pertinentes e em obediência à normativa federal (Resolução CNS 466/12).

Assim sendo, podemos assegurar que serão resguardados o sigilo e o anonimato, tanto das pessoas participantes, quanto da instituição, bem como os resultados somente serão utilizados para fins acadêmicos e socializados de forma coletiva, sem expor características individualizadas dos casos. Comprometemos-nos de após a finalização da comunicação formal dos resultados, encaminharemos uma cópia do trabalho à instituição.

Atenciosamente, aguardamos deferimento.

Jaci Augusta Neves de Souza

CRP: 23/000931

Professora Orientadora e Pesquisadora Responsável

77

APÊNDICE J – Declaração de Instituição Co-Participante

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Eu, Veronica Ribeiro Franco Vilela, abaixo assinado, responsável pela Equipe Multidisciplinar da Vara Especializada no Combate a Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, da Comarca de Palmas-TO, co-participante no projeto de pesquisa intitulado: **A VIOLÊNCIA DE GÊNERO REPRODUZIDA NO DISCURSO DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA**. DECLARO ter lido e concordar com a proposta de pesquisa da instituição proponente, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/2012 e a Norma Operacional CONEP 001/13. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia a realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, _____ de _____ de 2015.

Veronica Ribeiro Franco Vilela Coordenadora Equipe
Técnica